

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Pesquisa antropológica de uma cambona, a vida cotidiana de uma terreira em
Esteio

Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha

Orientador: Emerson Giumbelli

Porto Alegre, Junho de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Pesquisa antropológica de uma cambona, a vida cotidiana de uma terreira em
Esteio

Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha

Orientador: Emerson Giumbelli

Projeto de Pesquisa para
o Trabalho de Conclusão do Curso
de Bacharelado em Ciências Sociais
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Emerson Giumbelli

Banca: Emerson Giumbelli

Marcelo Tadvald (Doutor em Antropologia Social)

Leonardo Almeida (Mestre em Sociologia)

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais a todos os Orixás, de Bará a Oxalá, e a todas as entidades, em especial aquelas que me protegem; à minha avó, minha mãe, às pessoas que fazem parte do Culto Africano Oxalá e Iemanjá, aos ancestrais que tornaram possível a propagação das religiões de matriz africana no Brasil e no Rio Grande do Sul; aos professores que fizeram parte da minha caminhada, e muito me inspiraram: Emerson Giumbelli, Cornélia Eckert e Marcelo Tadvall; Ao meu companheiro e meus amigos, que me apoiaram em todos os momentos, a Charlene, Rosemari, Sandro e Jorge, pelas fotos, e à comunidade religiosa de matriz africana atuante no Rio Grande do Sul, os meus mais profundos e sinceros agradecimentos.

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso para Bacharelado em Ciências Sociais tem como finalidade relatar o cotidiano e vivências de uma terreira de Umbanda Cruzada e Batuque situado em Esteio, Rio Grande do Sul, Brasil, bem como a trajetória de sua mãe-de-santo com suas entidades, sendo este terreiro chamado de Culto Africano Oxalá e Iemanjá, presidido e fundado por Sílvia Marília Machado de Almeida. Como sou neta da mãe-de-santo e moro neste local, a pesquisa assume uma perspectiva antropológica de alguém que nasceu e se criou dentro de uma terreira. Durante cerca de 10 meses, documentei as festividades e rotinas da terreira, por meio de observação participante, registro fotográfico, entrevistas e coleta de dados de arquivos pessoais.

Palavras-chave: Umbanda Cruzada, Batuque, trajetória e cotidiano

Abstract

This paper in Social Sciences has the intention to relate the routine and life in a terreira of Umbanda Cruzada and Batuque in Esteio, Rio Grande do Sul, Brasil, as the mãe-de-santos and entities' trajectory, the terreira's name is Culto Africano Oxalá e Iemanjá, leaded and created by Sílvia Marília Machado de Almeida. Since I am mãe-de-santo's granddaughter and live in this place, the research will have a anthropologic perspective, of someone who was born and raised inside a terreira. During the period of 10 months, I will document the festivities and the routine of the terreira, within photographic register, interviews and information collecting by personal archives.

Key Words: Umbanda Cruzada, Batuque, trajectory and routine

SUMÁRIO

Introdução	7
Objetivo e estrutura do TCC	9
Metodologia	10
Capítulo 1: O Começo da vida Religiosa e a Terreira em Porto Alegre	12
Antepassados religiosos de Sílvia	15
A fundação da terreira, seu funcionamento, o espaço, os frequentadores	16
A evolução da terreira por Mãe Sílvia	17
A evolução da Terreira pelo Ponto de Vista de Rosemari	18
A mudança para Esteio e seus impactos	21
Capítulo 2: A Organização Social e Espiritual da Terreira em Esteio	23
Batuque de acordo com as referências bibliográficas	23
Umbanda de acordo com as referências bibliográficas	24
A Linha Cruzada	25
Batuque na Casa de Mãe Sílvia	25
Os Orixás De Mãe Sílvia e Rosemari	27
Ordem de Saudação dos Orixás	29
Umbanda na Casa de Mãe Sílvia	30
Comportamento adequado na terreira	31
As Entidades e Suas Características	31
A função de cada pessoa da corrente	41
A divisão do espaço	43
Capítulo 3: Rotina da terreira em suas sessões	46
Relato da Rotina da Terreira entre Agosto de 2015 e Maio de 2016	48
Sessão Povo da Rua	48

Sessão de Pai Xangô e São Cosme e São Damião; Mesa de Ibeji ou Mesa de Inocentes	52
Amaci, Homenagem Mãe Oxum	55
Segurança (obrigação) na Nação Rosemari	56
Limpeza de Final de Ano	56
Luto (morte de Renatinho)	57
Virada do Ano	58
Sessão Povo da Água; Homenagem Mãe Iara	58
Mesa na Praia	59
Sessão de Abertura Povo da Mata	60
Ponto de Pólvora, Sessão de Xangô	61
Sessão de Ogum	65
Aniversário de Aprontamento de Oxalá de Orumilaia de Sílvia; Segurança Obrigação de Rosemari	67
Sessão de Pretos Velhos	67
Capítulo 4: Uma religião em família	71
Os Eventos Familiares e Religiosos na Umbanda	72
Batizado	72
O Casamento na Umbanda	74
O Desenvolvimento Religioso dentro da Família	78
Conclusão	80
Referências Bibliográficas	82

Introdução

Este trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais tem como tema a trajetória de vida de uma Mãe de Santo e o cotidiano de sua terreira sob uma perspectiva antropológica. A partir de observação direta, pois vivo neste local e sou neta da mãe de santo e por meio de entrevistas com a minha avó e minha mãe, pretendo relatar a vida cotidiana religiosa do grupo e a trajetória desta líder. Como objetivo da pesquisa, pretende-se desenvolver uma pesquisa antropológica de descrição sobre a vida religiosa do grupo Culto Africano Oxalá e Iemanjá, situado atualmente em Esteio RS, descrevendo seu cotidiano, rituais e participantes.

No caminho inverso ao dos grandes mestres da antropologia, como Malinowski, ao adentrar a vida dos aborígenes em Argonautas do Pacífico Ocidental (1922), procuro pesquisar um grupo de religião da qual eu também pertenço, posto que consiste na casa da minha família. Considero pois minhas próprias origens e vivências, e não culturas distantes. A visibilização é de suma importância, ainda mais em tempos sombrios de intolerância religiosa e social como temos vivido; apesar dos avanços, como os direitos iguais aos das igrejas para os terreiros de Candomblé na Bahia, assegurados recentemente, ainda temos muito que lutar contra o racismo e o preconceito. Para mim, fazer esta pesquisa é muito mais do que escolher um tema para o meu trabalho de conclusão de curso, é um dever e uma honra de mostrar às pessoas o que a minha cultura representa e agradecer às lindas entidades que desde sempre me protegem e guiam. Tenho também o intuito de preservar e cultivar a história da terreira em que cresci, pois para a perpetuação dos ritos e ensinamentos é necessário que os mais novos levem adiante o caminho percorrido pelos mais velhos. Espero que minha pesquisa seja de valia para o campo antropológico e, talvez até mesmo religioso, e lance um novo olhar sobre o cotidiano de uma terreira de Umbanda e Batuque; o olhar de quem nasceu e se criou dentro de uma.

Minha avó materna nasceu em uma casa na rua Bernardo Pires, 81, onde viria a ser o Bairro Santana, em Porto Alegre, no ano de 1949. Nesta casa ela

cresceu e criou seus filhos. Desde muito jovem, minha avó já demonstrava que possuía os dons para ser uma mãe de santo. Sonhos em que as entidades lhe falavam e momentos de tonturas e vertigens eram comuns, e então ela foi trabalhar seus dons na casa de Umbanda de uma senhora chamada Dona Percilia, e depois na casa de Dona Genessi. Mais tarde, entrou também para a Nação/Batuque, na casa de um senhor conhecido por todos como Pai Tim.

Há cerca de 45 anos, Dona Sílvia Marília Machado de Almeida, minha avó, fundou sua própria terreira, que funcionou na casa em que ela nasceu até o ano de 1995/1996. A casa contava com o auxílio de meu avô, Seu Damião Aguiar de Almeida, e minha mãe, Dona Rosemari Machado de Almeida, como cambonos, os ajudantes. Com o advento do falecimento de minha bisavó, e, quase dois anos mais tarde, do meu avô, a casa foi vendida e minha avó mudou-se para Esteio, cidade em que minha mãe, meu pai e eu morávamos já há algum tempo. Assim, instalou sua terreira nos fundos de sua casa na rua Olga Benário Prestes, 356, Vila Olímpica, Esteio.

Minha avó é filha de Oxalá com Iemanjá, e escrava de Xangô, e recebe diversas entidades. Minha mãe foi cambona desde criança, até que, com 35 anos de idade, começou a manifestar dons mediúnicos e desde então trabalha como cavalo de santo. A terreira, que cultua Umbanda, Nação, Quimbanda e Linha Branca, costumava ser nos fundos da antiga casa em que ela, meu avô, minha mãe e meus tios costumavam morar com meus bisavós, no Bairro Santana em Porto Alegre. Muitas pessoas frequentavam o lugar, em busca de cura e solução para os mais diversos males. Diferente de hoje em dia, em que a casa é frequentada apenas por parentes e amigos próximos, em Porto Alegre a Casa estava sempre cheia de pessoas conhecidas e desconhecidas atrás de serviços de jogos de búzios e trabalhos; tanto que a renda da família era complementada pelo dinheiro conseguido com os serviços prestados a clientes e fiéis, que são pagos devido ao Axé: todo serviço, por requerer materiais específicos, energia e mão-de-obra da mãe santo, demanda uma troca, um pagamento. A propaganda se dava boca a boca e muitas pessoas, filhos de santos e convidados, enchiam a terreira nas sessões, que eram semanais. Minha mãe e meus tios cresceram com essa vivência, desde cedo aprendendo os preceitos da religião e participando dos rituais.

A terreira, localizada nos fundos da casa, recentemente adquiriu goteiras, causadas pelas chuvas torrenciais que têm castigado o estado com frequência nos últimos meses. É uma peça branca, adornada com quadros de santos católicos, caboclos e orixás. De um lado, temos o Pegê (altar da Nação), e do outro, o Congá (altar da Umbanda), que, de acordo com a festividade, ficam cobertos ou expostos com o auxílio engenhoso de uma cortina de renda branca. Os assistentes (pessoas que vêm tomar passe, etc) ficam sentados ou em um sofá azul escuro de três lugares ou nas cadeiras de madeira dispostas ao longo das paredes. O público agora é reduzido, limitado a parentes e amigos, mas não menos fervoroso: contamos com participantes de presença assídua. Os participantes são pessoas da casa e parentes e amigos, por ventura aparece algum vizinho necessitado. Geralmente, a assistência é em torno de 20-30 pessoas, variando de acordo com a sessão, o clima, os compromissos de cada um, etc. Costumam participar: a prima de minha avó, Yara, com seu marido Jorge e uma de seus filhos, Thatyane. Dois de meus tios, Márcio e Marcos participam, e um deles, Marcos, com a esposa Charlene e os filhos Kayan e Noah. Charlene sempre fotografa as sessões, em especial as festivas, o que foi para mim de grande utilidade em minha pesquisa, já que eu trabalho nas sessões e não posso fotografar. Minha sogra Sirlei Ana Cristina, tia de meu namorado, Dora, a filha dela, e Aline, minha cunhada, começaram a frequentar recentemente. Meu namorado Mauro já frequenta há algum tempo. O noivo de minha mãe, Sandro, divide comigo o cargo de cambono. A mãe dele e seu filho geralmente estão presentes. Rosane, amiga de longa data de minha avó, é médium e quando pode vem às sessões.

Objetivo e estrutura do TCC

Meu objetivo ao fazer esta pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso é descrever a trajetória e as características atuais de um terreiro de Batuque e Umbanda. Os capítulos serão organizados em quatro partes, sendo estas:

- 1) História no Bairro Santana, em que falo da trajetória de Mãe Sílvia e de sua terreira em Porto Alegre;
- 2) Caracterização religiosa do terreiro, que tem sessões de Batuque e Umbanda, tratando também de sua organização social;
- 3) Descrição da Rotina com Calendário de Sessões, no período entre Agosto

de 2015 e Maio de 2016; 4) Descrição de rituais de Batismo e Casamento e como se dá o aprendizado da religião como uma prática passada de geração em geração.

Metodologia

Como Metodologia, por meio de minhas participações já usuais nos rituais, fiz observações diretas e participantes, construindo relatos escritos do dia a dia da terreira, de agosto de 2015 a maio de 2016. Fiz entrevistas para obter informações do histórico da terreira e conhecer o ponto de vista de quem vivencia experiências mediúnicas. Acessando o arquivo de fotos pessoais da minha avó, fiz o registro visual do histórico da terreira. Com o auxílio de minha tia, fiz o registro fotográfico. Os dados foram recolhidos por meio de observações, sob a forma de uma espécie de diário etnográfico, possível por meio de contato íntimo com o grupo estudado, o que foi incrementado pelo fato de eu viver neste meio.

Visto que a comunidade estudada é uma da qual faço parte desde o meu nascimento, me baseei nas palavras de Gilberto Velho em *Observando o Familiar*. Para Velho (1978), ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se a um confronto com outros especialistas, com leigos e até com representantes dos universos de que foram investigadores, que podem discordar do investigador. Velho teve essa experiência em sua pesquisa sobre o uso de tóxicos em camadas médias altas, quando pelo menos duas pessoas que ele entrevistou não concordaram com algumas das suas conclusões. Embora isso possa acontecer no estudo de outras sociedades, é menos provável pois após a pesquisa, o investigador volta para o seu país ou cidade e tem menos oportunidades de confrontar-se com as opiniões daqueles que estudou. De acordo com Velho, nesse nível, o estudo do familiar oferece vantagens em termos de possibilidades de rever e enriquecer os resultados das pesquisas. Ele crê ser possível transcender as limitações de origem do antropólogo e ver o familiar não como exótico, mas sim como uma realidade bem mais complexa do que a representada por mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar é possível quando conseguimos confrontar

intelectualmente e emocionalmente diferentes versões e interpretações a respeito de fatos e situações.

Creio que as maiores vantagens de viver dentro do grupo estudado é poder analisar tudo em riqueza de detalhes, repensar o lugar e as situações quantas vezes forem possíveis, ter flexibilidade de horários para conseguir entrevistas e depoimentos e, obviamente, estar sempre inteirada de todos os acontecimentos da terra e da comunidade. Ademais, não há problemas para inserção e adaptação ao grupo, pois pertenço a este grupo. Por outro lado, os olhos já acostumados à tais vivências podem deixar de registrar coisas que seriam estranhas aos outros e poderiam tornar a pesquisa ainda mais rica.

Capítulo 1: O Começo da vida Religiosa e a Terreira em Porto Alegre

De acordo com Oro (2002), a estruturação do batuque no Rio Grande do Sul é um tema que aguarda aprofundamento investigativo. É provável que os primeiros terreiros tenham sido fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Como ressalta Oro (2002) em seu artigo, para o pesquisador Melo (1995), o batuque é atestado na região desde o início do século XIX em relatos de jornais. Correa (1988a:69) situa o período inicial do batuque na região entre os anos de 1833 e 1859. A partir das décadas de 70 e 80 do mesmo século, os jornais da região apresentam com regularidade em suas páginas policiais matérias sobre cultos de matriz africana. Nos jornais Correio Mercantil e Jornal do Comércio, de Pelotas, bem como no jornal Gazeta Mercantil de Rio Grande, pode-se ler notícias, as mais recorrentes sendo de prisão de "feiticeiros" e "feiticeiras". Há duas versões sobre o mito fundador do batuque: uma que diz ter sido trazido para cá por uma escrava, vinda do Recife; e outra que não associa a um personagem, mas às etnias africanas que o estruturaram enquanto espaço de resistência simbólica à escravidão. As notícias relativas ao batuque em Porto Alegre datam da segunda metade do século XIX, sugerindo que sua origem ou seu incremento pode ter ocorrido com a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para a capital. As principais fontes de referência são jornais relatando ações policiais contra os terreiros. Para Oro (2002), tais perseguições aos terreiros expressam um certo medo branco diante do poder de manipulação das forças sobrenaturais por parte dos escravos e seus descendentes. A perseguição era sempre precedida de um conjunto de estigmas lançados sobre essas religiões, visando justificar o procedimento.

No contexto das lacunas históricas sobre as religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul estão dados estatísticos sobre os terreiros do estado. Há informações parciais sobre o número de terreiros de batuque para Porto Alegre, de 1937 a 1952, apresentados por Carlos Krebs (1988:16). Esses dados constam das estatísticas oficiais do Rio Grande do Sul, tendo o censo

sobre as instituições religiosas caído em desuso em 1952.

Casas de Batuque em Porto Alegre

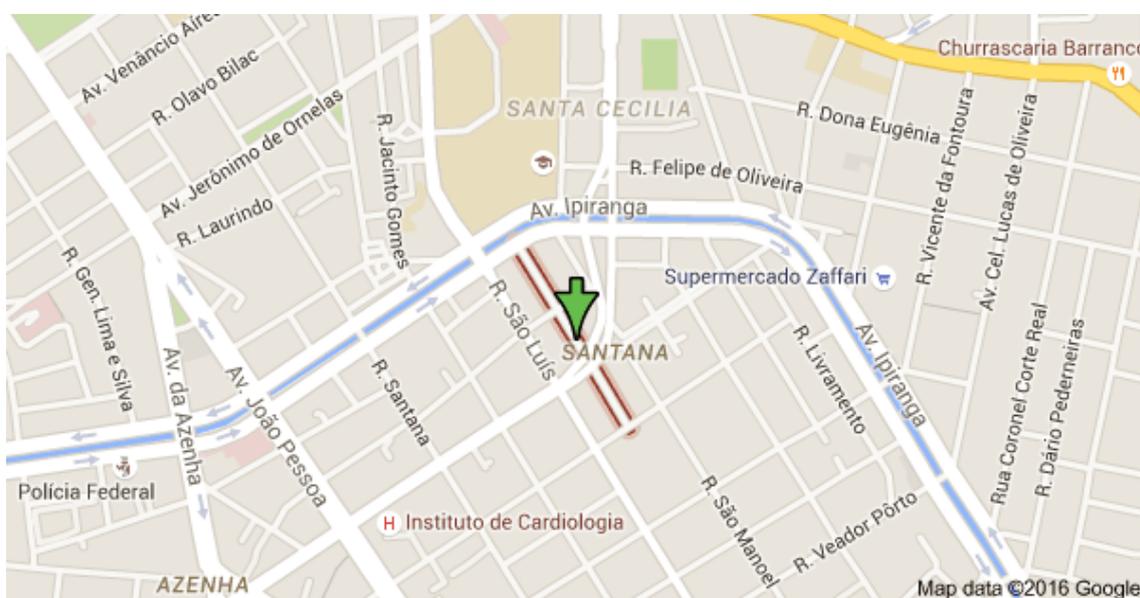
Anos	Total de Casas
1937	13
1938	23
1939	27
1940	37
1941	42
1942	52
1943	80
1944	63
1945	70
1946	75
1947	78
1948	80
1949	80
1950	98
1951	178
1952	211

Imagem retirada do artigo Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente, de Ari Oro, publicado no periódico Estud. afro-asiát. vol.24 no.2 Rio de Janeiro 2002.

A partir deste ponto, falarei sobre a terreira de Mãe Sílvia no Bairro Santana. Creio ser importante historicamente falar sobre a terreira, por ser um relato das práticas de Religião de Matriz Africana em Porto Alegre, em especial na região do Bairro Santana, abordando brevemente também os antepassados religiosos de Sílvia, as pessoas que introduziram Sílvia na religião. Mãe Sílvia, como sacerdote da religião africana, a disseminou na rua e no bairro onde morava,

trazendo novos adeptos à religião, o que continua fazendo nos dias atuais, mas em escala reduzida.

Mãe Sílvia nasceu na casa de seus pais, na rua Bernardo Pires, 81, no Bairro Santana (quando ainda nem era oficialmente bairro) em Porto Alegre, no dia 12 de fevereiro de 1949. É a segunda filha do casal Nair Ione, dona de casa, e Waldemar, funcionário da Caixa Econômica Federal. Foi no Bairro Santana que Sílvia nasceu, se criou, conheceu a religião, tornou-se mãe-de-santo e passou quase cinquenta anos de sua vida. Foi no Bairro Santana, na Rua Bernardo Pires, 81, que Sílvia administrou sua terreira entre as décadas de 1970 e 1990.



Mapa atual da região onde se encontra Bairro Santana. Disponível no Google Maps. A rua contornada em vermelho apontada com a seta verde é a Rua Bernardo Pires, onde Mãe Sílvia morava. Endereço eletrônico: https://www.google.com.br/maps/vt/data=RfCSdfNZ0LFPPrHSm0ublXdzhdrDFhtmHhN1u-gM,i9EEKupil6pGSNYqgTN7DSxfYvU9bR6s9RN3dg0_9CZVvAvClrcpK2FIQAbQTiWosMrOGocJZ9c6bLFaD9xSUoJkf84pZ5NU8d9VSA42Ymng36HZGPqG6pZKLEeyct4kvPJZ3GiPE5HHFCvVd9zIU-IGuxVHBy6qCkRIW_KlieWO4qQGMiEDT__BIEktjeH6QtUI5h2ai-tCoddTjNk4CGk09CLPuOmd2O-7qA

De acordo com Franco em Porto Alegre: Guia Histórico (1992), o nome do bairro é uma homenagem à Sesmaria de Santa'Ana, área ocupada por

Jerônimo de Ornellas quando veio a Porto Alegre. A partir do século XVIII, o bairro passou a fazer parte do Arraial de São Miguel, cortado pelo Arroio do Sabão. Por suas frequentes inundações, a ocupação do lugar não era convidativa. Passaram a habitá-lo famílias negras e pobres que tiveram de lidar com a insalubridade causada pelas cheias do Arroio. Até o final do século XIX, a rua principal do bairro se chamava Rua dos Pretos Forros, recebendo em 1871 o nome de 28 de Setembro, em homenagem à Lei do Ventre Livre. Em 1885 passou a denominar-se Santana. O desenvolvimento começa depois da Guerra dos Farrapos quando, em 1865, o governador da província, Visconde da Boa Vista, abre uma via pública com seu nome, transversal ao eixo principal do Bairro, o que possibilitou, em seguida, a instalação do Prado da Boa Vista nas proximidades dos Campos da Várzea. O projeto valorizou a região, e contribuiu para o aumento de sua população

Em 1931, é erguida no bairro a Paróquia com o nome de seu padroeiro, São Francisco de Assis. O bairro foi responsável por grandes festas carnavalescas organizadas por negros moradores do Santana e, nas décadas de 60, 70 e 80, possuiu uma relação íntima com os desfiles oficiais da Prefeitura de Porto Alegre. A valorização imobiliária da região praticamente impediu a permanência das populações mais pobres no bairro, e boa parte dela migrou para o bairro Restinga. No caso da família de Sílvia, o deslocamento foi para Esteio, cidade da região metropolitana de Porto Alegre.

Antepassados religiosos de Sílvia

Bisavó Benzedeira (avó de sua mãe)

A avó de Nair Ione, mãe carnal de Mãe Sílvia era benzedeira, ou seja, fazia tratamentos de saúde e espirituais por meio de ervas, velas, água, carvão, dentre outras ferramentas simples. Certa feita, Sílvia conta que sua mãe, ainda criança, sofria de uma grave insolação. Sua avó então põe sobre sua cabeça um copo de água com pedras de carvão. As pedras e a água fervem, melhorando o estado de saúde da criança. Sílvia diz que sua mãe adorava a avó, que tinha paciência e carinho por ela e lhe oferecia cachaça com mel e cigarros.

Dona Otília Barbadinha

Irmã de seu avô, portanto tia-avó de Mãe Sílvia, era mãe de santo e possuía uma terreira onde se praticava Nação Jeje.

Dona Percília

Mãe de Santo, presidia uma terreira de Umbanda. Foi a primeira terreira que Sílvia frequentou e onde começou a desenvolver seus dons mediúnicos.

Mãe Nicola

Mãe de santo, presidia uma terreira de Nação Oyó. Ajudou a família de Sílvia em um momento difícil em que foram vítimas de feitiçaria. Ela e Dona Percília eram amigas de longa data.

Pai Tim de Ogum

Ernesto, Pai de santo e iniciador de Sílvia no Batuque Oyó, conhecidamente um dos últimos pais de santo antigos do batuque gaúcho e da Nação Oyó, hoje em dia, muito rara. Foi padrinho do terceiro filho carnal de Mãe Sílvia na Igreja.

A fundação da terreira, seu funcionamento, o espaço, os frequentadores

As casas de culto afro-religioso eram muito presentes na vida dos moradores do bairro. Os praticantes se conheciam, e os religiosos, ainda que pertencessem a outras casas, visitavam outras terreiras. Parentes, amigos e conhecidos de Sílvia eram frequentadores de terreiras. As terreiras não tinham nome, como hoje, talvez apenas no registro da AFROBRAS, e não havia divulgação e indicação das casas, o conhecimento se dava de boca em boca e a boca miúda, discretamente. Na década de 1970, Sílvia filiou sua terreira na AFROBRAS, para assegurar o direito de fazer sessões ao ar livre, na mata e na praia; e para realizar os despachos e oferendas nos locais adequados. Além disso, o registro na AFROBRAS também lhe assegurava o direito de fazer as sessões em casa, sem receber denúncias de barulho e perturbação.

De acordo com o site da AFROBRAS, endereço eletrônico <http://afrobras.org/institucional.html>, visitado em maio de 2016, na década de 1970, para que os rituais pudessem ser realizados sem problemas, era preciso retirar uma licença na Delegacia de Costumes, onde os africanistas passavam muito tempo esperando. As organizações existentes na época focavam-se na Umbanda, deixando as demais vertentes africanistas à margem das instituições do Estado. Assim, um grupo de africanistas decidiu lutar pelos interesses de toda a comunidade afro-brasileira. Então foi fundado o Conselho Nacional da Umbanda, tendo como objetivo garantir liberdade para as casas africanas e o direito aos cultos após o horário estabelecido pela Lei do Silêncio. O Conselho Nacional de Umbanda foi criado em 5 de outubro de 1973, e tendo como primeiro conselheiro o Sr. Babalorixá Emílio Campos da Rocha. Mais tarde, recebeu o nome de AFROBRAS - Federação das Religiões Afro-Brasileiras - como é chamada atualmente .

Para ter conhecimento deste período da terreira, fiz entrevistas semi estruturadas com Sílvia e Rosemari. Sílvia começou a administrar sua terreira e atender os consulentes há cerca de 45 anos.

A evolução da terreira por Mãe Sílvia

Sílvia relata que o cambono era Damião seu marido, seu braço direito, que a acompanhava nos despachos de serviços. Havia muitas pessoas na corrente; Rosane, por exemplo, amiga de longa data de Mãe Sílvia, que até hoje participa das atividades da terreira. Leoniria, sua cunhada, também trabalhava como cambona. Havia cerca de dez mediuns e as sessões aconteciam semanalmente, toda terça-feira. Como hoje em dia, a base era estritamente familiar, mas a mudança de cidade acarretou diferenças nos frequentadores e em sua quantidade. As pessoas diferentes eram consulentes, que vinham em busca de trabalhos. Os parentes e amigos eram todos da corrente. A terreira era mais ampla, portanto havia bastante espaço para a corrente e para a assistência. Na assistência havia cerca de trinta pessoas, numa estimativa. Todos moravam nas cercanias. Mãe Sílvia era bem conhecida no bairro, e as pessoas faziam recomendações e propagandas dos serviços de Mãe Sílvia, como o jogo de búzios, muito procurado e muito popular. Amigos dos filhos

carnais e dos filhos de santo de Mãe Sílvia frequentavam. E vinham cada vez mais e mais.

A evolução da Terreira pelo Ponto de Vista de Rosemari

Rosemari conta que desde que se conhece por gente frequentava a casa de mãe Iara, onde Sílvia desenvolvia sua mediunidade. Aos sete anos de idade de Rosemari, Sílvia começou a fazer sessões em sua casa, com a ajuda de Damião, Percília e Dirceu. Rosemari e Marcos eram a assistência. Logo no início, as sessões aconteciam na sala da casa de Mãe Sílvia. As pessoas começaram a vir mais nas sessões com o passar do tempo. Rosemari viu a terreira crescer e participava na casa de pai Tim, apesar de ficar de fora das cerimônias. Rosemari depenava galinhas, comia as comidas ofertadas nas festas, comia com as mãos. Quando Rosemari tinha 14 anos, em 1981, a terreira já estava grande, nos fundos da casa. Rosemari relata que a Nação começou a ser praticada na casa perto de 1981, quando Mãe Sílvia trouxe seus assentamentos da casa de Pai Tim para a sua. Na festa de mãe Oxum, eram trazidos peixes vivos para preparar e comer e as crianças adoravam. Rosemari lembra com nostalgia de seu pai Damião trazendo os peixes vivos da feira, e dela e seus irmãos apreciando os peixinhos na bacia. Rosemari lembra de festejos, como Festa de Preto Velho e de Xangô. Rosemari conta que aconteciam as sessões semanais, mais simples e sem homenagens, onde chegavam entidades de todas as linhas, de acordo com as necessidades e sintonias dos médiuns e da assistência, e as sessões festivas, onde se homenageava uma linha em especial, decorando a terreira com bandeirolas das cores consagradas à linha homenageada, e servindo pratos ofertados à linha homenageada para a assistência e para as entidades.



Foto: As entidades de Sílvia e Leonísia se cumprimentam; o Cambono Damião observa; as pessoas da Assistência ao fundo. Autor: Jorge Oliveira, Dezembro de 1988.



Foto: A entidade de Leonísia e a Assistência ao fundo. Autor: Jorge Oliveira, Dezembro de 1988.



Foto: Congá. Autor: Jorge Oliveira, Dezembro de 1988.



Foto: Mãe Sílvia, com seu esposo, seus filhos carnais, seu genro e as crianças frequentadoras da terreira. Autor: Jorge Oliveira, Dezembro de 1988.



Foto: As pessoas integrantes da Corrente. Autor: Jorge Oliveira, Dezembro de 1988.

A mudança para Esteio e seus impactos

Os anos de 1990 foram tempos difíceis para Mãe Sílvia. Com a morte de sua mãe Nair em dezembro de 1993 e de seu marido Damião em outubro de 1995, Mãe Sílvia viu-se em uma situação triste e complicada. A casa em que ela e sua família moravam foi vendida por decisão de seu pai Waldemar, em 1996. Assim, Mãe Sílvia instalou-se na casa vizinha de sua filha Rosemari na Vila Olímpica, em Esteio, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Com o custo de vida tendo aumentado significativamente em Porto Alegre, muitas famílias de classe média e baixa viram-se obrigadas a procurar outros lugares para moradia, tais como a cidade de Esteio. Cidade tida como dormitória, hoje Esteio cresce em população e economia.

A mudança de cidade e, conseqüentemente, de frequentadores, trouxe uma nova dinâmica ao terreiro. Além disso, Mãe Silva havia perdido seu marido e braço direito, Damião, seu principal cambono. Com os filhos crescidos e já emancipados, Mãe Sílvia já não tinha necessidade de complementar a renda familiar com os serviços religiosos. Com as imagens e artefatos religiosos na bagagem, Mãe Sílvia organizou o terreiro novamente, nos fundos de sua nova casa. Na nova instalação, apesar de continuar com as atividades, a terreira ganhou um aspecto intimista, sendo raro o aparecimento de pessoas fora do núcleo familiar e de amigos.

Capítulo 2: A Organização Social e Espiritual da Terreira em Esteio

Em Esteio, a Terreira mantém sessões de Umbanda e sessões de Batuque, o que a caracteriza como uma casa de Linha Cruzada. As sessões de umbanda acontecem geralmente uma ou duas vezes no mês, e os batuques ao menos duas vezes por ano. A Terreira é cuidada por Silvia, Rosemari e Sandro. São eles que fazem o osé (limpeza das imagens, ferramentas e obrigações) nas datas determinadas. As despesas da terreira são arcadas por Silvia e Rosemari. O ocasional pagamento de determinados rituais e serviços e a doação espontânea dos fiéis complementa a renda. Nos dias de festas a terreira é decorada com as cores das entidades a serem homenageadas, e todo o espaço é limpo e organizado. Silvia e Rosemari encarregam-se de preparar as oferendas para os santos e as comidas para os fiéis. Todos os dias, Silvia acende velas na terreira. Semanalmente, as frutas e bebidas oferecidas às entidades são trocadas. Ocasionalmente, Mãe Sílvia recebe consulentes à procura do jogo de búzios e outros serviços.

Batuque, características gerais

De acordo com ORO (2002), Batuque é um termo aplicado aos ritmos produzidos à base da percussão por praticantes de cultos em que os elementos mitológicos, axiológicos, lingüísticos e ritualísticos são de origem africana. O batuque é uma religião que cultua doze orixás e divide-se em “lados” ou “nações”, tendo sido, historicamente, as mais importantes as seguintes: Oyó, tida como a mais antiga do estado, mas tendo hoje aqui poucos representantes e divulgadores; Jeje, cujo maior divulgador no Rio Grande do Sul foi o Príncipe Custódio; Ijexá, Cabinda e Nagô. Nota-se que o Keto esteve historicamente ausente no RS, vindo somente nos últimos anos a se integrar por meio do candomblé.

Ainda de acordo com Oro, a tradição local conta que a Nação Oyó chegou a Porto Alegre vindo da cidade de Rio Grande. Foi cultuada no Areal da Baronesa e no Mont Serrat onde se situaram as principais casas deste culto. Para Sílvia e Rosemari, este “desaparecimento” do Oyó acontece porque, diferente de outras nações, o Oyó não permite misturas ou unificações. O Culto Africano de Oxalá e Iemanjá é da Nação Oyó, mas tendo visto o pequeno

número de filhos de santo, não se sabe ao certo como será sua continuidade. Um dos amigos de longa data de Sílvia, Pai Paulinho de Xangô, é pai de santo e pratica o Oyó puro.

Umbanda, características gerais

Segundo ORO (2002), a primeira casa de umbanda no Rio Grande do Sul foi fundada em Rio Grande, em 1926. De nome “Reino de São Jorge”, foi fundada pelo ferroviário Otacílio Charão. Como em todo o Brasil, também no Rio Grande do Sul a umbanda surgiu defendendo padrões e comportamentos aceitos socialmente. De Rio Grande, a umbanda foi trazida para Porto Alegre, em 1932, pelo capitão da marinha Laudelino de Souza Gomes, fundador da Congregação Espírita dos Franciscanos de Umbanda, ativa até hoje. Pernambuco Nogueira explica que Charão e Souza Gomes não eram do Rio Grande do Sul e estiveram na África por algum tempo, e dedicaram-se quase exclusivamente à implantação e divulgação da Umbanda (Nogueira, 2001b). Outros importantes personagens precursores da umbanda no estado foram Norberto de Oliveira, que a introduziu no município de Viamão; Jesina Furtado, fundadora da casa Mestre Quatro Luas; e Astrogildo de Oliveira, fundador do Templo Rainha Yemanjá Fraternidade Ubirajara.

Em seu livro *Candomblé e Umbanda Caminhos da devoção brasileira*, Silva (1994) fala sobre as características ritualísticas da Umbanda: A Umbanda é composta por entidades agrupadas por linhas ou falanges, chamadas Sete Linhas. Algumas dessas linhas são Linha de Oxalá, Linha de Iemanjá, Linha de Xangô, Linha de Ogum, Linha de Oxóssi, Linha das Crianças e Linha dos Pretos Velhos. Não existe, no entanto, nos terreiros um consenso quanto à divisão e categorização das entidades. O principal propósito da Umbanda é o desenvolvimento espiritual dos médiuns e das entidades por meio da prática dos passes e receitas dedicados ao público. A iniciação não é necessária para o médium começar a trabalhar, mas a prática do batismo é muito comum. Os processos divinatórios se dão pelo diálogo entre as entidades e consulentes. Os pontos cantados são usualmente em português, acompanhados por palmas ou atabaques, que podem ser tocados por pessoas de ambos os sexos. Na Umbanda, não há obrigação de formar a roda-de-santo, havendo uma maior

liberdade de expressão na linguagem gestual das danças que caracterizam as entidades.

Linha Cruzada, características gerais

No artigo de Oro (2002), fala-se da Linha Cruzada. Trata-se de uma expressão religiosa relativamente nova, iniciada, tudo indica, na década de 1960. Constitui, a que mais tem crescido no Rio Grande do Sul, sendo cultuada hoje em cerca de 80% dos terreiros. Oro explica que, de acordo com Correa, esta modalidade ritualística chama-se Cruzada pois enquanto o Batuque cultua orixás e a Umbanda caboclos e pretos-velhos, a Linha Cruzada reúne-os no mesmo templo, cultuando também os exus e as pombagiras, provavelmente originários da Macumba do Rio de Janeiro e São Paulo. (Correa, 1998a:48)

Batuque na Casa de Mãe Sílvia

O Batuque Riograndense, assim como os outros cultos de origem Sudanesa, orgulha-se de “ser mais puro”, ou seja, mais próximo das práticas africanas, de acordo com Silva (1994). Baseada na vivência que tenho da terreira de Mãe Sílvia, descreverei o que acontece em uma terreira que pratica Batuque. Um traço marcante do culto são as obrigações, cerimônias onde há sacrifícios de animais. As penas e miúdos são oferecidos aos Orixás, e o axorô (sangue) é derramado na cabeça, mãos e pés do fiel no chão, e em suas guias. É um ato de fortalecimento do fiel e de agradecimento aos Orixás. Os animais são limpos e preparados em pratos variados, oferecidos aos fiéis que vão ao Batuque. No Batuque, o médium não pode de maneira alguma saber que recebe seu Orixá. Minha avó falou que é uma questão de humildade, para evitar a vaidade do cavalo de santo (nome usado para designar os médiuns nas religiões de matriz africana). Assim sendo, não se tira foto dos rituais, para que a pessoa não possa ver-se incorporada. Para o Orixá falar, a pessoa tem que ser pronta na religião. O aprontamento é um evento muito sério e só pode ser visto por outras pessoas prontas. O Orixá tem o Axero, sua versão meio divina meio humana, de comportamento infantil. Ele chega depois do Orixá, para depois a pessoa voltar. Os Axeros adoram refrigerante, e todos podem falar. São brincalhões e

gostam de falar as coisas “ao contrário” por exemplo: se quer dizer que uma pessoa é linda, fala que é horrorosa, e assim vai. O médium não percebe nada, e depois da subida do santo age normalmente. O Orixá é despachado sentado em uma cadeira, com a cabeça coberta com um manto branco, e toma água com mel ou com dendê, dependendo do Orixá, e se pronuncia seu nome secreto três vezes. Assim, chega o Axero. Para a pessoa voltar, põe-se qualquer tecido sobre a cabeça do Axero e estala-se os dedos perto de seus ouvidos. Os Axeros gostam de fazer isso embaixo das saias das pessoas amigas. Certas partes do Batuque são destinadas apenas aos prontos e Orixás, e os outros devem se retirar e voltar só depois que terminado. Mulheres menstruadas (“de dedo cortado”) não podem participar dos ritos. Na roda, as mulheres dançam em um lado e os homens no outro, metade da roda sendo feminina e metade da roda sendo masculina. Os cantos, chamados de rezas, são cantados em iorubá. O tamboreiro é parte importante dos Batuques, em especial os grandes, é ele quem toca e canta as rezas, e os fiéis respondem. Só homens são tamboreiros, até onde eu sei. Os Orixás gostam de dançar em frente aos tambores. Nos Batuques festivos, é costume convidar pais e mães de santo amigos e conhecidos e seus filhos de santo. A fartura da comida e a beleza do terreiro são um ponto crucial. No final da festa, costuma-se ofertar um pacote com comidas (bolos, balas, doces, pedaços de galinha e de carneiro, acarajé, bonbons, frutas, alimentos dedicados aos Orixás) conhecido como mercado. Para os participantes, além de um evento religioso, é também um evento social.

Rosemari explica os dogmas do Batuque: “a energia proveniente dos Orixás manifesta-se pela roda e pelo seu movimento, pelo ritmo e pelas palavras das rezas, pela dança dos fiéis. No batuque, o cavalo de Santo não pode ter conhecimento de que incorpora o Orixá. Isso se deve ao fato de que devemos ser sempre humildes e evitar a vaidade. Não é porque uma pessoa não recebe seu Orixá que ela não é digna ou não é protegida por ele, muito pelo contrário. Cada um tem sua função no funcionamento da casa e é abençoado por seu Orixá. As pessoas que desconhecem ou não entendem o processo de incorporação no Batuque não creem ser possível que o cavalo de Santo não saiba que recebe o Orixá. Questionar essa Lei é como questionar a veracidade

da presença do corpo de Cristo na comunhão. É uma questão de fé, aceitação e a humildade de admitir que não é tudo que podemos explicar. Se por acaso, o fiel sentir um perfume, um arrepio, um calor, uma energia, algo diferente durante a cerimônia, guarda para si, como um presente de seu Orixá, e comenta no máximo com seu Pai de Santo, sobre isso.”

Os Orixás de Mãe Sílvia e Rosemari

Bará

Não se pode falar em Orixás e não falar primeiro de Bará. Isto é um fato conhecido e respeitado pelos praticantes da Religião. Rosemari conta que “Bará é o Senhor dos Caminhos, o Mensageiro, é ele quem leva os pedidos dos filhos até Oxalá. Qualquer serviço, repito, qualquer serviço que se faça na casa, tem que ser feito primeiro Axé para Bará. No caso, o Bará que cuida da nossa terreira é Bará Agelu, associado ao Povo da Água, e seu assentamento é feito dentro da terreira, dentro do Ilê (os outros Barás são assentados fora da terreira). Seu Sincretismo é o menino no colo de Santo Antônio. Sua cor é o vermelho. Come cabrito de cor escura, galo vermelho e pombo cor de telha nas imolações. Seus instrumentos são a chave, a ponteira, e correntes. Suas comidas são pipoca, milho torrado no azeite de dendê, batata torrada, pipocas com mel e balas de mel.

Oxalá De Orumilaia

Mãe Sílvia explica: “Oxalá é o Pai de Todos. O meu é o Oxalá Velho, também chamado de Oxalufã. A minha passagem é de Oxalá de Orumilaia, Senhor do Ifá (Jogo de Búzios), Senhor da Divinação, Dono dos Olhos, e seu domínio é Céus e Mares. Junto com Iemanjá e Oxum, forma o grupo dos Pais de “Cabeça Grande”. Suas cores são o branco, o cristal, o prata e o preto. Come cabrita branca e aves (pombas e galinhas) brancas nas imolações. Seus animais são o caracol, chamado na Religião de Ibi, e a pomba branca. Seu instrumento é o Paxorô, um cajado de três níveis, de cor branca, com guizos e contas. O Sincretismo de Oxalá de Orumilaia é Santa Luzia, A Dona dos Olhos. Suas comidas são acaçá, canjica branca, manjar de coco com calda de ameixa preta, papo-de-anjo, cocada, merengue. Suas oferendas são entregues no

encontro das pedras com as águas. Por isso eu gosto de subir na Pedreira de Pai Xangô, onde batem as águas, para entregar as oferendas. Suas oferendas também podem ser entregues na beira do Mar.”

Iemanjá

Mãe Sílvia conta que “Iemanjá venceu a batalha, defendeu seu Reino com seus espelhos. Os soldados inimigos, quando viram seus reflexos correndo de encontro a eles, acovardaram-se e foram embora, assustados. Mãe Iemanjá é a mãe de todos. Mãe Iemanjá é a Dona da Cabeça, a Dona do Pensamento. Quando a pessoa está com problemas na cabeça, não importa de que Orixá seja filho, é feito um trabalho para Iemanjá. Suas cores são todos os tons de azul, verde-água, prata e cristal. Iemanjá come ovelha branca, aves brancas (pombas, galinhas e patos) e peixes nas imolações. Seus animais são os peixes, os animais marinhos de concha, estrela-do-mar, animais marinhos. Seus instrumentos são espelho, pente, perfume, barquinho, âncora, timão. Seu Sincretismo em outros lugares do país é de Nossa Senhora da Conceição ou Nossa Senhora das Candeias, mas no Rio Grande do Sul o Sincretismo é de Nossa Senhora dos Navegantes. Suas comidas são canjica branca, cocada, merengue, melancia, guaraná. Suas oferendas são entregues na beira do Mar.”

Oxum Pandá De Ibeji

Rosemari explica: “ Oxum Pandá de Ibeji é uma das passagens de Oxum. É a Oxum mais novinha que existe, é a Oxum menina. Ela é rápida, tem disposição, trabalha com amor, “ourinho” (fatura), fertilidade e o coração. Seu domínio são as águas doces: rios, cachoeiras, córregos. Ela adora se embelezar, é muito vaidosa. Suas cores são o amarelo e o ouro. Oxum come cabrita amarela, galinha amarela, pato e peixe nas imolações. Seu animal é o peixe. Seus instrumentos são o leque, o espelho, o pente, o perfume (ela é a mãe do perfume). O Sincretismo de Oxum Pandá de Ibeji é Nossa Senhora das Graças. Suas comidas são axoxó (milho cozido com lascas de coco), quindim, cocada, balas, doce de abóbora. As oferendas da Mamãe Oxum são entregues na beira do rio.”

Xangô De Ibeji

Rosemari conta que “Xangô de Ibeji é a passagem mais jovem de Xangô, é um menino. Seu domínio é a Pedreira, a Justiça, a Sabedoria, o fogo os coriscos. Suas cores são vermelho e branco. Xangô come carneiro e galo branco nas imolações. Seu animal é o leão. Seus instrumentos são o machado, os trovões e coriscos, a pena (de escrever) e os livros. O Sincretismo de Xangô de Ibeji é São Cosme e São Damião, os santos protetores das crianças. Suas comidas são o amalá, balas de fruta, rocambolé. As oferendas de Pai Xangô são entregues na Pedreira. O amalá de Xangô de Ibeji é guarnecido com 13 balas de fruta.”

Ordem de Saudação dos Orixás

Alupo! Bará

Ogunhê! Ogum

Epaieio! Iansã

Caô Cabelecile! Xangô

Oke Okebamo! Odé e Otim

Eo Eo Ossanha! Ossanha

Exó Oim! Obá

Abaô! Xapanã

Ora ye yeo! Oxum

Omio Odô Odoya! Iemanjá

Epaô Babá! Oxalá



Foto: Sílvia e Rosemari em frente ao Pegê. Autor: Sandro Ferreira de Oliveira, Abril de 2015.



Foto: Aniversário de Pai Oxalá de Orumilaia e Obrigação Bori de Márcio, prática do Batuque. Autora: Rosemari Machado de Almeida, Abril de 2015,

Umbanda na Casa de Mãe Sílvia

As sessões de Umbanda têm cheiro de defumação e alfazema. Sessão é benção, respeito, alegria, aprendizado, cura, humildade, trabalho. É não ter

medo de ter sua alma analisada, pois os olhos dos pais nada deixam escapar. É ver claridade onde antes só tinha escuridão, é fazer e receber caridade, é aprender com os mais velhos e brincar com os mais novos. É um rito religioso e também um evento social e familiar. Para quem trabalha na terreira, é um momento de responsabilidade. Para quem vem consultar, é um momento de alívio e conforto. Quem trabalha na casa tem que saber que, mesmo que esteja com dúvidas ou com algum mal-estar, quem vai ser atendido primeiramente são os consulentes. Sessão é comer pipoca e bala, bolos e frutas, tomar guaraná; estar na terreira é se sentir em casa, e ao mesmo tempo perto de Aruanda, a morada celestial das entidades da Umbanda.

Comportamento adequado na terreira

Assim como nas Igrejas e em qualquer templo, há normas de comportamento a serem seguidas. Na terreira, é de bom tom que todos estejam descalços, em sinal de respeito. Estar de pés no chão também significa estar em contato com a Terra e com nossos ancestrais. Não devemos usar a cor preta na vestimenta. É aconselhável não fazer barulhos muito altos ou algazaras, pois isso causa desconcentração nos médiuns e atrapalha a sessão.

As Entidades e Suas Características

É importante ter consciência que a Umbanda tem muitas entidades, que são divididas em grupos de domínio, faixas de vibração e falanges. Estes grupos são conhecidos como “As 7 Linhas da Umbanda”. Apesar de ser utilizada familiarmente na terreira uma nomenclatura um pouco diferente, mais familiar, que ajuda os fiéis no aprendizado e compreensão, esta tabela, retirada do endereço virtual <http://www.centroespiritaurubatan.com.br/estudos/sete-linhas-de-umbanda.html>, pode dar uma ideia de como esta divisão funciona.

ORIXÁ	LINHA	SINCRETISMO	COMPOSIÇÃO
OXALÁ	RELIGIOSA	JESUS CRISTO	Santos católicos, povo do oriente, mista (Pretos Velhos e caboclos)
YEMANJÁ	POVO D'AGUA	N.ª.SR.ª.CONCEIÇÃO	Ondinas, orixás feminino sereias, iaras, náiades, ninfas, caboclas dos rios das fontes, cachoeiras e marinheiros.
XANGÔ	JUSTIÇA	SÃO JERÔNIMO	Mista (caboclos e pretos velhos), policiais, juristas advogados.
OGUM	DEMANDAS	SÃO JORGE	Militares, caboclos, exus de lei, eguns (almas), baianos, boiadeiros, ciganos.
OXÓSSI	CABOCLOS	SÃO SEBASTIÃO	Caboclos e caboclas (índios), boiadeiros.
IORI	CRIANÇAS	COSME & DAMIÃO	Crianças (meninos e meninas) de todas as raças
IORIMÁ	PRETOS-VELHOS	SÃO BENEDITO	Pretos e pretas-velhas, de todas as nações

Imagem retirada de: <http://www.centroespiritaurubatan.com.br/estudos/sete-linhas-de-umbanda.html>

Na terreira de Mãe Sílvia, chamam-se as linhas lideradas por Xangô e Ogum, ou seja, de justiça e demandas, de Povo de Frente, pois são eles os primeiros a serem saudados nos rituais. Desta linha fazem parte as entidades de Ogum, Iansã e Xangô. A linha de Ogum também abrange os Exus e Pombagiras, chamados geralmente nas terreiras de Povo da Rua, por serem a rua e os caminhos seu principal domínio. São entidades ligadas à guerra, à superação de obstáculos, à força física, ao enfrentamento dos problemas. A linha liderada por Iori, das Crianças, é chamada de Linha de Ibeji, ou Ibejada, em referência aos Orixás gêmeos crianças Ibeji. As crianças são também chamadas de Cosminhos, uma referência a São Cosme, irmão gêmeo de São Damiano, que no sincretismo correspondem a Linha das Crianças e a Ibeji. A linha liderada por Oxóssi, composta de Caboclos, é chamada de Povo da Mata, obviamente por serem entidades cujos domínios são as matas. A linha de Iemanjá recebe o mesmo nome, Povo d'Água, porém o sincretismo no Rio Grande do Sul é com

Nossa Senhora dos Navegantes. Desta linha fazem partes as sereias e ondinas. Na casa de Mãe Sílvia, as entidades ligadas ao espiritismo são conhecidas por Linha Branca. As sessões de Linha Branca são diferentes das demais sessões, pois não se entoam cânticos nas Sessões de Linha Branca, apenas fica-se em silêncio, mantendo a concentração e pensamentos positivos.

Mãe de Santo - Mãe Sílvia – Suas Entidades

Povo de Frente:

Ogum Megê: Chega furioso, impetuoso, enérgico, com seu grito de guerra. Apesar da energia e da “fúria”, é bondoso e paciencioso. Toma cachaça e fuma charuto, usando a bebida e fumo como agentes de limpeza do local e das pessoas. Empunha uma espada e suas cores são verde, vermelho, preto e branco. Responde nos cemitérios.

Auê, auê, auê Ogum Megê/ Auê, auê, auê Ogum Megê/ No forte do Humaitá, Ogum Megê/ Calunga perguntou por vós, Ogum Megê/ No forte do Humaitá, Ogum Megê/ Calunga perguntou por vós, Ogum Megê

Xangô da Pedreira: É um senhor de idade, furioso e impetuoso. Chega gritando e pisa na brasa sem problema algum. Junto com Mamãe Oxum, é o protetor da casa na Umbanda.

Pedra rolou Pai Xangô/ Lá na Pedreira/ Segura a pedra meu pai/ Na cachoeira/ Pedra rolou Pai Xangô/ Lá na Pedreira/ Segura a pedra meu pai/ Na cachoeira/ Tenho o meu corpo fechado/ Xangô é meu protetor/ Afirma o ponto meu pai/ Pai de Cabeça chegou/ Tenho o meu corpo fechado/ Xangô é meu protetor/ Afirma o ponto meu pai/ Pai de Cabeça chegou

Povo da Mata:

Caboclo Urubatã: É um senhor, um homem feito, chega muito enérgico, impetuoso e furioso. Sua ferramenta de trabalho é o machado e as lanças. Foi um dos primeiros que Mãe Sílvia recebeu. Ela relata que sentia dores agudas e profundas nas costelas, que não tinham explicação médica. Eram as lanças de Caboclo Urubatã, que comunicava-se com ela. Ao nascer, o terceiro filho de

Mãe Sílvia ficou internado por semanas, e ela fez uma promessa para sua recuperação. Assim sendo, seu segundo nome é Urubatã, em sinal de homenagem e agradecimento.

Caboclo Urubatã/ Dá licença que eu quero Saravá/ Sou filho de Umbanda/ Dá licença que eu quero trabalhar/ Eu sou filho de Umbanda/ Dá licença que eu quero Saravá

Cabocla Jandira: É serena, calma, chega bem suavemente, empunha o arco e flecha. Usa um manto verde. Seu ponto é bem lento e compassado.

Jandira, Jandira/ Do Reino de Nazaré/ Jandira, Jandira/ Do Reino de Nazaré/ Saravá todos seus filhos/ Todos filhos que tem fé/ Saravá todos seus filhos/ Todos filhos que tem fé

Pretos Velhos:

Vovó Nita: É uma senhorinha, uma vovó risonha, que veste roupas brancas com bolinhas vermelhas. É muito sábia e muito paciente. Gosta de tomar o que ela chama de chafé, café preto frio e com muito açúcar. Faz passes com arruda. Sua comida é ensopado de batata com camarão. Fuma cigarro de palha e com ele dá passes.

Oh Preta Velha você não me engana/ Amarra a saia com palha de cana/ Oh Preta Velha você não me engana/ Amarra a saia com palha de cana/ O cigarro que ela fuma/ É de palha de Aruanda/ O cigarro que ela fuma/ É de palha de Aruanda

Povo da Água:

Mamãe Oxum: A primeira entidade que Mãe Sílvia recebeu, comunicava-se com ela por meio de sonhos. É uma das protetoras da casa na Umbanda. É uma sereia de mais idade, velhinha, com a cauda dourada. Muito calma e doce, chega no chão, com as pernas unidas formando a cauda. Costuma chorar, mas não muito. Usa roupas amarelas.

O Lírio é uma flor/ Que dá na beira d'água/ Na água se criou/ Não, não, não, não/ Não é Oxum Maré/ Não, não, não, não/ Não é Oxum Maré/ Oxum Maré,

Oxum Maré/ Linda Sereia do Mar/ Linda Sereia do Mar/ Que vem brincar na areia/ Que vem brincar na areia/ Rema, remador, rema remador/ Linda Sereia do Mar/ Linda Sereia do Mar

Cosminho:

Toninho: É um menino de idade entre 5 e 6 anos. Veste roupas azuis e adora seu chapéu verde, com uma pena também verde. Chega brincando e rindo. Não dá passes. Gosta de comer maçãs e balas de goma e brincar com as crianças. Calmo, risonho e brincalhão. Mesmo não dando passes, dá seus conselhos e diz umas verdades.

Povo da Rua:

Seu Destranca-Rua (Seu Teimoso da Aruanda): É um Senhor que usa capa vermelha, cartola preta e botas pretas. Gosta de se divertir e dançar. Fuma charutos e bebe cachaça. Apesar de muito festeiro, é também muito sábio. Responde na encruzilhada.

Seu Tiriri: É um rapaz jovem, que usa cartola e roupas vermelhas. É muito animado e tem um comportamento bem juvenil. Responde nas catacumbas dos cemitérios.

Pombagira Cigana: Domina as cartas do baralho cigano e as castanholas. Gosta de lenços coloridos decorados com moedas e de roupas vermelhas e douradas. Gosta de beber cidra e de frutas vermelhas. Alegre, adora dançar e cantar.

Eu vinha caminhando a pé/ Para ver se encontrava a minha Cigana de Fé/ Eu vinha caminhando a pé/ Para ver se encontrava a minha Cigana de Fé/ Ela sorriu e leu a minha mão, e toda a verdade me disse/ Mas eu só queria saber como é/ A minha Pombagira de Fé

Linha Branca:

Doutor Bezerra de Menezes: É uma entidade espírita muito conhecida e cultuada no país. Faz cirurgias espirituais. Chega sempre calmo e em silêncio.

Não se entoam cânticos nas Sessões de Linha Branca, apenas fica-se em silêncio, mantendo a concentração e pensamentos positivos.

Mãe pequena (a segunda na hierarquia) - Rosemari, filha carnal de Sílvia – Suas Entidades

Povo de Frente:

Ogum de Lei: Chega com energia, porém calmo e sem gritar. Está sempre muito calmo. Gosta de fumar charuto. Suas cores são o verde, vermelho e branco. Seu símbolo é a balança, visto que é o intermediário entre Xangô e Ogum, e trabalha a favor das leis e da justiça. Dizem que é raro que venha ao mundo. Temos a sorte de tê-lo em casa.

Oh Ogum/ Ogum de Lei, quem manda é Zambi/ Ogum de Lei, quem manda é Zambi/ Corre corre toda gira corre corre toda gira/ Ai pra salvar filhos de Umbanda/ Já foi o Sol, aí vem a Lua ele vai girar/ Ele vai girar na linha de Umbanda ele vai girar, ele vai girar

Xangô das Matas: É um Xangô caboclo, que vive nas matas. Calmo, faz um som característico, meio termo entre um grito e uma saudação. É um homem jovem. Suas cores são o vermelho e branco.

Subi na Pedreira subi/ E uma pedra rolou/ Subi na Pedreira subi/ E uma pedra rolou/ Eu vi a mata queimando/ Com corisco de Xangô/ Eu vi a mata queimando/ Com corisco de Xangô

Povo da Mata:

Caboclo Tupimirim: Das entidades de Rosemari, é o mais enérgico, impetuoso e furioso. É um jovem índio, sempre sério. Ao procurar sua imagem para ser cruzada, minha mãe ouviu dos fornecedores que é um caboclo muito antigo e muito raro, e que não faziam imagens dele. Teve que ser escolhida uma imagem e batizada. Sua cor é o verde. Suas ferramentas são o arco e a flecha, e duas lanças.

Quem é aquele caboclo que vem lá tão longe?/ É Tupimirim, filho de Tupinambá/ Ele vem armado, ele vem calçado/ Ele vem saudar o Rei das Matas/ Quem é aquele caboclo que vem lá tão longe?/ É Tupimirim, filho de

Tupinambá/ Ele vem armado, ele vem calçado/ Ele vem saudar o Rei das Matas

Cabocla Jurema Flecheira

É uma moça doce e calma, sempre serena. Empunha o arco e flecha. Transmite serenidade, ternura e doçura. Suas cores são o verde, amarelo e branco. Tem os cabelos longos e soltos.

Jurema, oh Jureminha Jurema/ Jurema, oh Jureminha Jurema/ Ela é cabocla flecheira/ Atira a flecha para o ar/ Atirou numa jibóia/ Matou a cobra coral/Ela é cabocla flecheira/ Atira a flecha para o ar/ Atirou numa jibóia/ Matou a cobra coral

Pretos Velhos:

Mãe Maria Conga: É uma senhora faceira e risonha. Usa bata branca, saia rosa e um manto azul. Gosta de dar passes cortando os males com sua tesoura de metal, fazendo uma benzedura. Sua comida é a feijoada com feijão vermelho, linguiça e farofa com tempero verde.

Mãe Maria, cadê Pai José?/ Foi na mata buscar guiné/ Mãe Maria, cadê Pai José?/ Foi na mata buscar guiné/ Diga a ele que quando vier/ Venha saravar com seus filhos de fé/ Diga a ele que quando vier/ Venha saravar com seus filhos de fé

Pai Tomé: É um preto velho, que trabalhava nas minas de carvão, fica agachado, pois ficou com problemas na pernas. Chega muito raramente. Seu temperamento é ranzinza. Ele é o Protetor do Pé de Guiné que Rosemari cultivava no pátio.

Povo da Água:

Mãe Iara: A primeira entidade que Rosemari recebeu. É uma sereia de cauda prateada. Em suas próprias palavras, habita onde as estrelas do céu tocam as estrelas do mar. Chega no mundo chorando, como costumam fazer as sereias, e no chão, com as pernas unidas formando a cauda; depois, ela se levanta.

Muito calma, usa como adorno uma coroa de pérolas e veste roupas brancas com estampa de estrelas azuis.

Que linda a coroa de pérolas que tem nossa Mãe Iara/ Que linda a coroa de pérolas que tem nossa Mãe Iara/ E ela é a Rainha do Congá, aurê, aurê, aurá/ E ela é a Rainha do Congá, aurê, aurê, aurá

Cosminho:

Rosinha: Uma menina meiga de idade entre 7 e 8 anos, adora falar e dar conselhos. Usa roupas cor-de-rosa e azul e gosta muito de ter seu cabelo sempre enfeitado. Dá passes, usando como ferramenta sua boneca favorita. Não costuma comer.

Povo da Rua:

Exú da Meia Noite: É um homem feito, que usa uma capa vermelha. Tem um pé humano calçado com bota e um pé de bode. Quando chega, dá muitos conselhos e recomendações. Fuma charutos e bebe cachaça.

O sino da Igrejinha faz delem dem dem/ O sino da Igrejinha faz delem dem dem/ Deu Meia-Noite, o galo já cantou/ Seu Tranca-Ruas que é dono da Gira/ Oi corre Gira que Ogum mandou/ Seu Tranca-Ruas que é dono da Gira/ Oi corre Gira que Ogum mandou

Rainha das 7 Encruzilhadas: É uma mulher vaidosa, risonha e sensual. Usa uma coroa dourada e gosta de enfeites e joias. Trabalha com rosas vermelhas e gosta de cidra e de frutas vermelhas.

Maria do Forno: Como está constantemente trabalhando no mundo espiritual guiando os espíritos dos mortos, chega sempre muito rápido e não gosta de brincadeiras, pois é muito séria. Seu grito lembra o de uma ave noturna e sua energia é muito forte. Usa roupas nas cores preto e roxo e um chapéu preto com detalhes roxos. Sua ferramenta é um pequeno caixão na cor roxa-lilás. Gosta de enfeites com caveiras e ossos e que façam barulho.

Exú Ventania: Até agora, chegou apenas uma vez, e muito rápido. Suas vestes são vermelhas, é muito sério e bebe cachaça.

Linha Branca:

Doutor André Luís: É um espírito muito conhecido e cultuado no espiritismo. Chega calmo e silencioso, quando percebemos ele já está entre nós. Quando Márcio esteve internado no hospital por conta de dois derrames cerebrais, no final do ano de 2014, Doutor André Luís por intermédio de minha mãe chegou para dar-lhe um passe e garantir-lhe tranquilidade e alento. Chegou tão calma e silenciosamente, que ninguém no quarto percebeu sua presença, além de meu tio, minha avó e eu. Estavam no quarto mais dois pacientes e seus acompanhantes.

Médium Rosane, melhor amiga de Mãe Sílvia – Suas Entidades

Povo da Frente:

Ogum Sete Ondas: Como seu nome diz, Ogum Sete Ondas tem ligação com o Povo da água, portanto, seu domínio é a beira do Mar. Em seus passes, usa cigarro e cerveja branca.

Gira na linha de Umbanda que eu quero ver/ Ogum Sete Ondas/ Gira na linha de Umbanda que eu quero ver/ Ogum Beira-Mar/ Gira na linha de Umbanda que eu quero ver/ Ogum Iara, Ogum Megê/ Ogum Iara, Ogum Megê/ Olha a Ronda, aruê

Mamãe Iansã: Dona dos ventos e tempestades e senhora dos eguns (espíritos dos mortos), é muito amorosa e cuidadosa.

Meu Pai, vem de Aruanda, que a nossa Mãe é Iansã/ Meu Pai, vem de Aruanda, que a nossa Mãe é Iansã/ Oh Gira deixa a gira girar/ Deixa a Gira girar/ Saravá Iansã/ Pai Xangô e Iemanjá Oh/ Oh deixa a Gira girar

Povo da Mata:

Jurema do Toco: Chega séria, um pouco brava, mas é muito calma.

Eu vi chover, eu vi relampear/ Mas mesmo assim o Céu estava azul/ Afirma o ponto na palma da Jurema/ Oxóssi é bamba no Maracatu/ Oxóssi é bamba no Maracatu

Pretos Velhos:

Mãe Maria: É uma preta velha alegre e tranquila, que gosta de dançar. Onde é que é que a Mãe Maria mora?/ Mãe Maria não tem morada/ A casa da Mãe Maria é na beira da estrada/ Onde é que é que a Mãe Maria mora?/ Mãe Maria não tem morada/ A casa da Mãe Maria é na beira da estrada

Povo da Água:

Mamãe Iemanjá: Diferente das outras entidades de Povo d'Água da terreira, ela já chega em pé, e não deitada como se tivesse cauda. Serena e doce, balança os braços como se estivesse remando ou nadando.

Iemanjá é a Rainha do Mar/ É Povo d'Água, é a linha de força maior/ Afirma o ponto Mamãe/ Afirma o ponto Mamãe/ Que no fundo Mar é ouro e só, é ouro e só/ Eu vi a Mãe Sereia/ Nadando sobre o Mar/ Pedindo a seus filhos/ As Bênçãos de Oxalá/ Eu vi a Mãe Sereia/ Nadando sobre o Mar/ Pedindo a seus filhos/ As Bênçãos de Oxalá

Cosminho:

Pedrinho: É um menino muito arteiro, de uns 3 anos, adora chupeta e mamadeira. Gosta muito de fazer bagunça.

Povo da Rua:

Seu Tata Caveira: É o líder da falange dos Caveiras, usa um capuz para esconder seu rosto, pois seu rosto é de caveira e seu corpo de esqueleto. É muito sábio. Algumas pessoas têm medo, mas ele na verdade é paciente e muito amável.

Pombagira Sete Saias: Como seu nome diz, esta Pombagira é identificada por sua saia, que tem sete níveis/ babados nas cores vermelho e preto. Vaidosa, gosta de beber cidra e fumar cigarro.

A função de cada pessoa da corrente

As Correntes precisam ter Médiuns, para incorporação das entidades, e Cambonos, para auxiliar às entidades e a assistência, que são as pessoas que vêm para a sessão. Os Cambonos ajudam na comunicação caboclo-consulente, acendem charutos, servem bebidas e comidas para as entidades e assistência, auxiliam os médiuns na desincorporação das entidades, e garantem a organização do ritual.

Na religião africana, cada pessoa tem um pai e uma mãe espirituais, que a protegem em todos os momentos de sua vida, e também um padrinho ou madrinha, cuja atribuição na Nação é chamada também de escravidão. O Orixá que responde mais pelo filho rege sua cabeça, seu pensamento, sendo seu pai ou mãe. O Orixá que cuida do corpo do filho rege suas ações e movimentos. O padrinho ou madrinha é quem está sempre junto do afilhado, estando mais próximo do filho que os demais Orixás. Para saber a filiação de uma pessoa, é preciso fazer o jogo de búzios.

Mãe Sílvia: Filha de Cabeça Oxalá de Orumilaia e de Corpo de Iemanjá. Escrava e Afilhada de Xangô. Mãe de Santo e médium, é a fundadora da terreira e quem coordena o funcionamento da casa e determina a rotina e as datas festivas da terreira, além de costurar as roupas para as entidades. Joga búzios e faz os trabalhos e serviços. Sobre a incorporação, Mãe Sílvia relata: “É difícil, porque eu fico tirando os pontos para que as entidades cheguem, mas sinto aquela vibração, fico inebriada, porque o pai/mãe está querendo chegar; mas eu tento me segurar, para as entidades dos outros médiuns chegarem primeiro.” Além disso, Mãe Sílvia exerce a função de benzedeira, desde menina: “o falecido Senhor Ourico, pai de criação de Leci, minha melhor amiga, tinha crises de soluço longas e agoniantes. Quando ele tinha as crises pedia para que eu fizesse a benzedura, e dizia que a crise só passava com minha benzedura. Eu acendia palitos de fósforo e botava atrás de suas orelhas, e recitava esta pequena oração:

Capim, Capuço

Que passa o soluço

Capim, Capuço

Que passa o soluço

Soluço vai, soluço vem,

Soluço vai pra quem não tem

Soluço vai, soluço vem,

Soluço vai pra quem não tem.”

Rosemari: Filha de Cabeça de Oxum Pandá de Ibeji e de Corpo: Xangô De Ibeji Escrava e Afilhada de Iemanjá. Mãe pequena e médium, é o braço direito de Mãe Sílvia, atuando na administração, cuidados com o terreiro e preparo de alimentos.

Rosane: Filha de Cabeça de Iansã e de Corpo de Ogum. Escrava e Afilhada de Iemanjá. É médium, porém, por morar longe, não é sempre que pode comparecer. Sempre que vem, auxilia no preparo de alimentos, atendimento à assistência antes da sessão, e demais atividades da terreira.

Sandro: Filho de Cabeça de Xangô e de Corpo de Iansã, Escravo e Afilhado de Ogum. Cambono principal, acompanha Mãe Sílvia nos trabalhos mais pesados, além de zelar pela assistência das entidades e pelo bom atendimento aos frequentadores.

Fernanda Gabriela: Filha de Cabeça de Iemanjá e de Corpo de Oxalá, Escrava e Afilhada de Iansã. Segunda cambona, zela pela assistência das entidades e pelo bom atendimento aos frequentadores; é a faz-tudo, desde que esteja no seu nível de desenvolvimento. Cresci trabalhando como cambona, e por isso tenho uma relação especial com as entidades. Sinto-me muito grata e feliz em trabalhar como cambona e esforço-me para fazer meu trabalho cada vez melhor. Sinto um carinho profundo pelas entidades e sei que elas também o sentem por mim e por todos os filhos.

A divisão do espaço

A divisão do espaço é feita minuciosamente. Na terreira, são cultuadas Nação e Umbanda Cruzada. A peça onde fica a terreira é pequena e sem divisões internas, o que requer certo planejamento na utilização do espaço. Os altares, Pegê e Congá, ficam localizados na parte de trás da peça. À frente dos altares, fica uma cortina, que é deslocada de acordo com a festividade. No Pegê, estão dispostas imagens de Orixás e Santos Católicos, Guias e imagens de animais como caracóis, consagrados a Oxalá. Nas prateleiras do Pegê, atrás de um tecido rendado, ficam as quartinhas, representantes das cabeças. Periodicamente, as quartinhas são cheias de água. No Congá, há imagens de entidades da Umbanda e de Santos Católicos, e Guias. Abaixo, no Congá, ficam as imagens de Povo da Rua. Na frente dos altares são colocadas frutas, flores e doces.



Foto: Disposição dos altares. Pegê, com a decoração azul, e Congá, com a decoração vermelha. No meio, Paxorô do Pai Oxalá e Preta Velha com uma criança no colo. Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, Junho de 2016.



Foto do Pegê. Jesus e o Divino Espírito representam Oxalá. Iemanjá, Nossa Senhora da Conceição (Oxum) e São Jorge (Ogum). Nas fileiras seguintes, temos os doze Orixás cultuados no Batuque, representados por imagens africanas e católicas. Abaixo, por trás das rendas, estão guardados os assentamentos e as quartinhas. Autora: Fernanda Gabriela Machado de



Foto do Congá. Jesus, acima de todos, representa Oxalá. Logo abaixo, Iemanjá, Nossa Senhora da Conceição (Oxum) e São Jerônimo (Xangô). De um lado, temos os Caboclos do Povo da Mata, e do outro, as entidades de Povo de Frente, Ogum e Santa Bárbara (Iansã). Mais abaixo, os Pretos Velhos e os Cosminhos. A parte, no altar vermelho, o Povo da Rua. Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, Junho de 2016.

Capítulo 3: Rotina da terreira em suas sessões

Creio que as maiores diferenças entre os cultos (além é claro, de toda a ritualística) são os horários de começo e término e o público presente. Nos batuques, geralmente há menos pessoas; além disso, vêm convidados amigos

de outras terreiras. O culto começa mais tarde, perto da meia-noite, e termina no meio da madrugada. Nas sessões, há mais pessoas, e o culto começa entre 20h e 22h, indo no máximo até as 2h da madrugada. Em todas as sessões, há três partes que são sempre iguais: a abertura, onde os médiuns se concentram, a defumação, onde os filhos de fé são purificados, e o encerramento. Em toda sessão os filhos da casa batem cabeça em frente ao Congá e ao Pegê, em sinal de respeito. Bater cabeça é encostar a fronte e os lados da cabeça no chão, enquanto o praticante encontra-se deitado rente ao chão. Quem é filho de cabeça de Orixá homem começa a bater cabeça com a fronte, e quem é filho de Orixá mulher começa a bater cabeça dos lados.

Os pontos são parte fundamental das sessões. Mãe Sílvia “puxa” os pontos, enquanto um dos Cambonos bate sineta e alguém da Assistência toca o Agê, uma espécie de chocalho. Durante as consultas, em que as entidades dão conselhos aos participantes, é costume colocar um CD com pontos da linha trabalhada no dia, o que evita que as pessoas ouçam as recomendações dos outros consulentes. Nas sessões de Umbanda, cantam-se sempre os Pontos de Abertura, Encerramento e de bater cabeça, e os demais pontos direcionam-se para as entidades que vão trabalhar naquele dia. No Batuque, as terreiras que recebem mais pessoas chamam um tamboreiro para tocar as rezas. Na casa de Mãe Sílvia, utiliza-se um CD com a gravação integral de um toque de Batuque, com as rezas de Bará a Oxalá, que é acompanhado da sineta e dos participantes da roda cantando. A partir deste ponto, explicarei tais momentos das sessões. Em seguida, farei um relato das sessões que pude acompanhar entre agosto de 2015 e maio de 2016.

Ponto de Abertura

Ponto cantado no início da Sessão, para começar os trabalhos do dia.

Ao abrir nossos trabalhos nós pedimos proteção/ A Deus-Pai Todo Poderoso e a Mãe da Conceição/ Ao abrir nossos trabalhos nós pedimos proteção/ A Deus-Pai Todo Poderoso e a Mãe da Conceição/ Oxalá, meu Pai, tem pena de nós, tem dó/ Se a volta do Mar é grande, seus poder ainda é maior/ Iara venceu demanda, no Céu, na Terra e no Mar/ Iara venceu demanda, salve Iara Beira-Mar/ Beira-Mar, auê, oh Beira-Mar/ Beira-Mar, quem está de ronda é Beira-Mar

Beira-Mar, auê, oh Beira-Mar/ Beira-Mar, quem está de ronda é Beira-Mar

Santo Antônio, que és de Ouro Fino/ Suspende a Bandeira e vamos trabalhar/
Santo Antônio, que és de Ouro Fino/ Suspende a Bandeira e vamos trabalhar

Ponto de Defumação: Para purificar os filhos de santo

Defuma o Reino, defuma bem/ Defuma os Filhos, que é para o nosso bem/
Defuma o Reino, defuma bem/ Defuma os Filhos, que é para o nosso bem.

Ponto de Encerramento

Ao encerrar nossos trabalhos nós pedimos proteção/ A Deus-Pai Todo Poderoso e a Mãe da Conceição/ Ao encerrar nossos trabalhos nós pedimos proteção/ A Deus-Pai Todo Poderoso e a Mãe da Conceição/ Oxalá, meu Pai, tem pena de nós, tem dó/ Se a volta do Mar é grande, seus poder ainda é maior/ Iara venceu demanda, no Céu, na Terra e no Mar/ Iara venceu demanda, salve Iara Beira-Mar/ Beira-Mar, auê, oh Beira-Mar/ Beira-Mar, quem está de ronda é Beira-Mar/ Beira-Mar, auê, oh Beira-Mar/ Beira-Mar, quem está de ronda é Beira-Mar

Santo Antônio, que és de Ouro Fino/ Arreia a Bandeira e vamos encerrar/
Santo Antônio, que és de Ouro Fino/ Arreia a Bandeira e vamos encerrar.

Ponto de Bater Cabeça

Hora de reverenciar e agradecer, no início e no final de cada sessão.

Que lindo pisar que têm os Caboclos/ Pisando na areia, no rastro dos outros/
Salve Iemanjá, Salve a Sereia/ Salve os Caboclos pisando na areia/ Que lindo pisar que têm os Caboclos/ Pisando na areia, no rastro dos outros/ Salve Iemanjá, Salve a Sereia/ Salve os Caboclos pisando na areia

Relato da Rotina da Terreira entre Agosto de 2015 e Maio de 2016

Sessão Povo da Rua: 31 de Agosto

O Povo da Rua é festejado em Junho ou Agosto. Não é toda casa de Umbanda que cultua. O Povo da Rua, composto de Exús e Pombagiras, é muitas vezes incompreendido e associado com coisas ruins. O fato é que depende da pessoa que o chama; se a pessoa tem boas intenções e faz tudo corretamente, o Povo da Rua traz muitas alegrias, amor, dinheiro, abertura de caminhos. Se a pessoa tem más intenções, ela consegue o que quer, mas é preciso tomar cuidado, pois existe a Lei do Retorno. Os Exús e Pombagiras são os mensageiros, a ponte entre os humanos e as Entidades e os Orixás. Suas cores são, principalmente, o vermelho e o preto. No entanto, outras cores são a eles consagradas, dependendo da entidade e onde ela responde, tais como dourado, prateado, roxo e azul. Respondem nas ruas, encruzilhadas e Ts, e também nos cemitérios, nas matas e nas praias, dependendo da entidade.

Como médiuns, estavam presentes Mãe Sílvia, que recebeu Seu Destranca-Rua (Seu Teimoso da Aruanda), Seu Tiriri e Pombagira Cigana; Rosemari, que recebeu Seu Exú da Meia-Noite, Rainha das Sete Encruzilhadas, Maria do Forno e Exú Ventania, que chegou pela primeira vez; Rosane, que recebeu Seu Tata Caveira e Pombagira Sete Saias; e Patrícia, que recebeu Maria Quitéria e Seu Tranca-Rua das Almas.

Para receber o Povo da Rua, a terreira foi decorada de vermelho. As comidas ofertadas são chamadas de ebó: bolinho de carne cru e bolinho de carne frito e bife de fígado cru ou frito, tudo muito temperado. Também são ofertados morangos e cerejas, frutas apreciadas pelas Pombagiras. É interessante salientar que, geralmente, as crianças não participam das sessões de Povo da Rua; no entanto, como aqui em casa não há a possibilidade das crianças ficarem em outro cômodo, desde cedo as crianças se acostumam a participar.



Foto: ebó para Exú. Autora: Charlene Negretto, 31 de Agosto de 2015.



Foto: Seu Destranca Ruas (Seu Teimoso da Aruanda), fala com Noah, no colo de Thays. Autora: Charlene Negretto, 31 de Agosto de 2015.



Foto: Seu Meia-Noite aconselha Ana Cristina. Autora: Charlene Negretto, 31 de Agosto de 2015.



Foto: Pombagira Sete Saias conversa com Marcos, filho carnal de Sílvia.
Autora: Charlene Negretto, 31 de Agosto de 2015.



Foto: Seu Tiriri conversa com Rainha das Sete Encruzilhadas. Maria Quitéria de Patrícia, amiga da casa, e Assistência ao fundo. Autora: Charlene Negretto, 31 de Agosto de 2015.



Foto: Pombagira Cigana e Maria do Forno, Cambonos e Assistência. Autora: Charlene Negretto, 31 de Agosto de 2015.

Sessão de Pai Xangô e São Cosme e São Damião; Mesa de Ibeji ou Mesa de Inocentes: 19 de Outubro de 2015

Xangô da Pedreira é o pai Xangô de minha avó, e Xangô das Matas é o pai Xangô de minha mãe. Ambas vestiram duas roupas, uma por cima da outra, para facilitar a troca. Minha mãe vestia um avental da terreira com a roupa de sua Cosminha por baixo, e minha avó vestia a roupa de seu pai Xangô com a roupa de seu Cosminho por baixo. Os pais chegaram, cantando e dançando.

As pessoas fizeram fila para receberem o passe de Xangô das Matas, e Xangô da Pedreira foi andando entre as pessoas para dar os passes. Todos sempre têm dúvidas a serem tiradas, sobre saúde, emprego, amor, família, e conversar os pais é como conversar com um melhor amigo, conselheiro e ciente de muitas, mas muitas coisas mesmo. As pessoas recebem conselhos, receitas, instruções para serviços e oferendas.

Os Cosminhos são espíritos de crianças, dotados de muita pureza e sabedoria. É a sessão favorita das crianças, pois é onde acontece a Mesa de Ibeji, também conhecida como Mesa de Inocentes. Na Mesa de Ibeji, só sentam crianças de até 12 anos, mulheres grávidas e crianças de colo acompanhadas por suas mães. A mesa é uma toalha branca rendada disposta no chão. Em cima dela, são dispostos os itens: a imagem de São Cosme e São Damião, um vaso com flores, o bolo, os doces e as frutas. As crianças são servidas de Canja, um alimento simbólico porque, de acordo com minha mãe, “a Canja é um alimento típico da infância, e oferecido sobretudo quando se tem alguma indisposição, sendo um símbolo de saúde, cura e fortalecimento.” Apesar de as crianças serem servidas primeiro, todas as pessoas presentes podem comer e repetir. Os adultos também comem os doces e frutas. A mesa foi montada por minha avó, minha mãe, o noivo de minha mãe e eu. Como minha avó orientou, distribuimos os itens no sentido horário. Sentaram à mesa apenas Kayan e Noah, Noah sendo auxiliado pela mãe Charlene por ser um bebê de um ano e seis meses. Foram convidadas outras crianças, mas a chuva caía torrencialmente durante o dia inteiro, espantando os convidados. São distribuídos saquinhos de plástico com frutas e doces para todos.

Quando a Mesa de Ibeji é desmontada, com os alimentos sendo recolhidos e a toalha branca é levantada, os Cosminhos chegam. Os Cosminhos são espíritos de crianças, e eles adoram brincadeiras, brinquedos, doces e fazer travessuras. São muito lindos e muito leves, alguns são comportados e outros são arteiros. Minha avó recebe o Toninho, um menino doce com cerca de 5-6 anos e minha mãe recebe a Rosinha, uma menina falante com cerca de 7-8 anos. Toninho adora maçãs, e sempre come um pedacinho quando vem. Toninho usa um chapéu verde decorado com uma pena e adora fazer a distribuição de brinquedos e doces. Rosinha adora organizar brincadeiras e montar rodinhas de canções infantis. Ela dá passes com sua bonequinha de pano favorita e eu sempre penteio seu cabelo enchendo-o com os enfeites que ganha das pessoas. Não se engane, eles são crianças mas dão consultas e conselhos normalmente. Para finalizar, Rosinha puxou Toninho, as crianças Noah e Kayan, eu e meu namorado, meu irmão postiço, o noivo de minha mãe e a tia de meu namorado para brincar de roda. Ela escolheu-me para recitar um verso, e eu recitei o clássico “Batatinha quando nasce”. A sessão terminou por volta da 1 hora da manhã.

Ponto cantado de Cosminhos Este ponto é cantado quando os Cosminhos chegam na terreira, cantando, rindo e pulando.

Cosme e Damião/ A sua casa cheira/ Cheira a cravo e rosa/ E a flor da laranjeira/ Cosme e Damião/ A sua casa cheira/ Cheira a cravo e rosa/ E a flor da laranjeira

Cosme e Damião, cadê Doum?/ Ele vem montado no Cavalo de Ogum/ Cosme e Damião, cadê Doum?/ Ele vem montado no Cavalo de Ogum

Abaixo, seguem as fotos de Rosinha e Toninho brincando com as crianças e comigo.



Foto: Mãe Sílvia sentada em frente ao Congá. Autora: Charlene Negretto, Setembro de 2015

Amaci; Homenagem Mãe Oxum: Novembro de 2015

O Amaci é a obrigação anual da Umbanda. É como um censo dos fiéis da terreira, pois todos os filhos devem estar presentes para fazer o seu reforço.

O Amaci é feito no sábado, e o levantamento é feito na terça-feira. Durante este período os fiéis não devem lavar os cabelos, pois a cabeça está com a segurança. Não pode ter relações sexuais, pois está de obrigação e seria um desrespeito aos seus guias. E ao sair de casa, deve cobrir a cabeça com um tecido de cor clara, pode usar um chapéu ou boina no lugar, e evitar sair nas horas grandes, sendo estas seis da manhã, meio dia, seis da tarde e meia noite. O Amaci é feito com o miero, composto de sete ervas, que fortalecem as guias e a cabeça do fiel. Por ordem do mais novo ao mais velho, cada um faz a obrigação, onde a mãe de santo banha a cabeça do fiel com as ervas maceradas, e lhe oferece doces e guarana. Parte dos doces, ervas, mel, guaraná e rosas brancas são depositadas nas guias, dispostas em uma tigela ou cumbuca. A mãe de santo esfrega banha de ori na testa, nas mãos e nos pés do fiel. O levantamento é quando as guias saem do chão, já fortalecidas, e a mãe de santo lava a cabeça de cada fiel com água da Quartinha e sabão de coco.

Sair do chão quer dizer que as guias ficam nas tigelas, no chão, na frente do congá, que é o altar. E quando acontece o levantamento as guias saem do chão.

Mãe Oxum é festejada em dezembro, dia 8, dia consagrado à Nossa Senhora da Conceição. Mas como o Amaci é presidido por Mamãe Oxum, foi feita homenagem a ela neste dia. Como médiuns estavam presentes Mãe Sílvia, que recebeu Mamãe Oxum, Rosemari, que recebeu Mamãe Lara, e Rosane, que recebeu Mamãe Iansã. Na terreira de Mãe Sílvia não se faz Sessão exclusiva de Iansã porque nem Mãe Sílvia nem Rosemari, as médiuns que estão presentes em todas as sessões, recebem Iansã.

Mamãe Oxum Mamãe Oxum lá do Infinito/ Ai vem ouvir, ai vem ouvir o nosso canto/ Nós te adoramos com amor e com carinho/ Na esperança de aliviar o nosso pranto/ Mamãe Oxum que veio de Aruanda/ Com Divino Espírito Santo/ Na terreira de Umbanda/ Com Divino Espírito Santo/ Na terreira de Umbanda



Foto: Mãe Oxum e Mãe lara trabalhando. Autora: Charlene Negretto, Novembro de 2015.

Segurança (obrigação) na Nação Rosemari: 11-15 de Dezembro de 2015

Rosemari estava adoentada, e então foi decidido que se fizesse um Bori para fortalecer sua saúde e dar-lhe energia e disposição. Mãe Sílvia e Sandro trabalharam na obrigação, e dona lara, mãe de Sandro, acompanhou com a sineta. No sábado, aconteceu um Batuque para festejar os Orixás e servir as galinhas da obrigação.

Limpeza de Final de Ano: 19 de Dezembro de 2015

A limpeza de final de ano é feita pelo lado do Batuque Nação. Tem como objetivo descarregar os fiéis e prepará-los para o ano vindouro. As pessoas são atendidas da mais nova à mais velha, com exceção das pessoas da casa, que

são sempre atendidas por último. Por serem utilizados diversos materiais na limpeza e por ser um trabalho de descarrego, é cobrada uma taxa.

Sílvia prepara os pacotes para passar nos filhos de santo, sendo estes: Um pacote com batatas torradas, milho torrado e pipoca para Bará; Um feixe de varas de marmelo, com sete varas, para Ogum; Uma vassoura feita com sete pedaços de amorim de sete cores diferentes para Xapanã; e a canjica branca para Iemanjá e a galinha branca para Oxalá. Enquanto Sílvia passa os pacotes, sempre há uns dois filhos para tocar sineta e cuidar da galinha, e geralmente são Rosemari e Sandro. São cantadas rezas durante o ritual. E por último, borrifa-se a pessoa com água, para livrá-la de qualquer mal, e amarra-se a segurança de linhas coloridas, com as cores do Ano, no pé ou na mão. A galinha branca está viva durante a cerimônia e só depois é abatida.

Depois de fazer a limpeza em todos da casa, é feita a limpeza na casa, e eu nunca participei nem nunca vi porque não tenho autorização. No dia seguinte, ao amanhecer, todos os materiais utilizados na cerimônia são depositados nas águas de um rio, no caso, o Guaíba, em Porto Alegre. Desta parte eu também nunca tive autorização de participar.

Luto (morte de Renatinho): 22 de Dezembro de 2015

Na terça-feira, 22 de dezembro, fomos informados da morte de Renatinho, filho de Sirley, uma antiga amiga e filha-de-santo de Sílvia. Como me relata Sílvia, desde pequeno, ele tinha graves problemas de saúde, e os médicos disseram que ele não passaria dos 14 anos de idade. Em desespero, Sirley pediu socorro à Sílvia, que prontamente fez seguranças de vida para o menino. Devido a seus problemas, Renato não pôde frequentar a escola, mas sozinho aprendeu a ler e escrever. Em Dezembro de 2015, os 34 anos de idade, Renatinho faleceu. Apesar de ter tido uma vida relativamente curta, Renatinho viveu 20 anos a mais do que os médicos lhe desenganaram, e com qualidade, podendo fazer as coisas de que mais gostava. Graças aos Pais. Quando um filho de santo morre, a terreira fica em luto, um mês inteiro sem trabalhar, em respeito à passagem do filho. Seus pertences religiosos são quebrados e

despachados em um rio. Sendo o filho de santo parte da família, é óbvio que a mãe de santo participa dos rituais fúnebres de praxe, o velório e o enterro. Mãe Sílvia e Rosemari participaram dos ritos para Renatinho.

Virada do Ano: 31 de Dezembro

Praticantes de religiões de matriz africana, em especial os que residem na casa onde fica a Terreira ou perto da Terreira, não viajam na Virada do Ano, pois é preciso saudar o Ano Novo na terreira, e bater cabeça. É costume fazer pipoca para jogar pela casa, nas pessoas e no portão, como um prenúncio de clareza e boa fortuna. O ano que se inicia, 2016, é consagrado à Iemanjá, Rainha do Mar, Mãe dos Peixes, dona da Cabeça e do Pensamento. Suas cores são os tons de azul, o branco, o cristal e tons de verde água.

Sessão Povo da Água; Homenagem Mãe Iara: 1º de Fevereiro de 2016

Nesta sessão, estavam apenas minha avó, minha mãe, Sandro e eu. Estava linda. Dava para sentir-se na beira da praia, aspirando a brisa do mar, devido à vibração do Povo da Água. O Povo da Água é formado por sereias, ondinas e marinheiros. Na terreira de Mãe Sílvia não há médiuns que recebam marinheiros.

Abaixo, seguem as fotos: Mãe Iara com sua roupa nova e sua coroa de pérolas. Ela pediu uma roupa estampada de estrelas pois vive “onde as estrelas do céu tocam as estrelas do mar”. Mãe Oxum dá passe no cambono Sandro.



Mesa na Praia: 5 de Fevereiro

A Mesa na Praia para mim é um momento muito especial, pois sou filha de lemanjá e me sinto muito comovida em fontes de água natural. Para entregar a mesa, minha mãe, minha avó, o noivo de minha mãe, meu namorado e eu saímos de Esteio às 3 horas da manhã, para poder chegar na praia ao nascer do Sol. Na bagagem, uma toalha de tecido branco com acabamento em renda, mel, canjica cozida branca e amarela, flores de crisântemo, velas e alfazema. A praia, na cidade de Pinhal – RS, estava deserta. O Sol saía, preguiçoso, da água do mar. Para acender as velas, cava-se um buraco na areia. Mãe Oxum e Mãe Iara chegaram tranquilamente. Montamos a mesa na toalha, depositando as oferendas sobre ela. Enquanto Mauro segurava nossas coisas, Mãe Oxum, Mãe Iara, Sandro e eu entramos na água para entregar a mesa. Neste momento, eu senti meu olhar desfocado e os pés dormentes. Mãe Iara segurou-me forte pelo braço para que eu me mantivesse firme, pois Janaína minha sereia estava encostada em mim. Quando terminamos a oferenda, o Sol estava alto e algumas pessoas começaram a aparecer, por volta das oito horas

da manhã. Nos hospedamos na casa de praia de Yara e Jorge, parentes, amigos e frequentadores da terreira de longa data.

Eu vi a estrela brilhar, eu vi/ Eu vi o dia raiar/ E os Caboclos na Beira da Praia

Tocando Maracás/ E saudando à Iemanjá/ E as águas rolavam, e entre as pedras se batiam/ E o gemido da Mãe da Água, a Sereia respondia/ São flores, são flores, são flores que vêm do Céu/ São flores, são flores, que a Mãe da Água vem buscar.

Sessão de Abertura Povo da Mata: 8 de Março

O Povo da Mata é composto por caboclos e caboclas. Dominam a caça, a pesca, as ervas medicinais. Suas ferramentas são o arco e flecha, e outros instrumentos de caça e trabalho. O Orixá representante desta linha é Oxóssi, o caçador. Sua cor é o verde, e a guia geralmente é verde, amarela e branca ou verde, amarela e vermelha. São associados a São Sebastião. Na sessão de Povo da Mata, cobre-se o chão da terreira com folhas. A terreira é decorada com balões verdes e ofertam-se frutas e guaraná para as entidades e para a assistência. Como médiuns, estavam presentes Mãe Sílvia e Rosemari. Mãe Sílvia recebeu Caboclo Urubatã e Cabocla Jandira. Rosemari recebeu Jurema Flecheira e Caboclo Tupimirim.

No alto das Matas eu vi/ Com as mãos amarradas para trás/ Era Oxóssi das Matas Virgens/ O meu glorioso São Sebastião/ Era Oxóssi das Matas Virgens/ O meu glorioso São Sebastião



Foto: Caboclo Urubatã de Mãe Sílvia e Mãe Jurema Flecheira conversam com Márcio, filho carnal de Mãe Sílvia.

Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, 8 de Março de 2016.



Foto: Mãe Cabocla Jandira de Mãe Sílvia e Rosemari, depois de desencorporar Seu Tupimirim, conversam.

Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, 8 de Março de 2016.

Ponto de Pólvora; Sessão de Xangô: 15 de Março

O Ponto de Pólvora diferencia-se das demais sessões por ser uma sessão de descarrego. Xangô é associado com São Jerônimo, São Pedro e São Miguel, e também com São Cosme e São Damião.

Xangô é o senhor da justiça e da sabedoria, e dos trovões. Suas ferramentas são o machado, os livros, caneta papel e pena. Quem está com problemas com os estudos e com a justiça dos homens, procura por Xangô.

Xangô tem como comida predileta o Amalá, prato feito com carne bovina, mostarda e pirão. Sua bebida é a cerveja preta. Seu animal é o leão, símbolo da realeza.

O Ponto de Pólvora, sessão presidida por Xangô, é cobrada uma taxa por participante, pois é uma sessão de descarga e é preciso pagar o axé. É impressionante. Os presentes se dão as mãos, formando um semi círculo, as pessoas que ficam na ponta seguram no Congá.

No meio, estão estalinhos de pólvora, que são acesos por Mãe Sílvia.

Quando os estalinhos explodem e pegam fogo, Pai Xangô da Pedreira chega, pisando nas brasas e bradando com energia.

Nesta sessão minha sogra, adoentada (sofrendo de água na pleura, hipertensão e insuficiência cardíaca), recebeu um passe especial dos Pais Xangô da Pedreira e Xangô das Matas. Pedi a ela que me desse um breve testemunho sobre sua experiência:

“Eu gosto de ir em centro de Umbanda, me lembra quando eu era jovem e participava. Eu gosto de ir no centro. Eu estava me sentindo muito doente e fraca, nervosa, e os pais me ajudaram. Antes eu já tinha sido avisada pelos Pais (sessões de Povo da Rua e Xangô/ Cosme e Damião em 2015), mas adiei a ida ao médico. E realmente, era problema nos pulmões como eles me disseram. Eles estão me cuidando e receitando, e toda vez que tem sessão eu e minha família vamos nas sessões. Gosto dos pais, Pai Xangô, Pai Ogum, Pretos Velhos, eles dão um conforto pra gente, ensinam a gente, confio neles, gosto muito deles. Agora sempre que eu puder eu vou participar e ajudar, e seguir as instruções direitinho. Quando meus filhos eram pequenos, íamos na Dona Morena, quando meus pais eram vivos. A fundadora já é falecida, mas a Dona Ana agora é quem dirige, mora aqui perto de casa. Ela é uma das antigas da casa. Os meus filhos eram batizados. Todos os sábados tinha sessão para as crianças, porque as crianças não podiam participar das sessões durante a semana. E os cânticos da terreira da Mãe Sílvia são muito parecidos com os que se cantavam na casa que eu frequentava.”

É interessante salientar que Dona Sirlei parou de fumar porque os Pais Ihe aconselharam a não fumar mais para cuidar da saúde.

Canguerê Canguerê Xangô/ Ele é filho da Cobra Coral/ Canguerê Canguerê Xangô/ Ele é filho da Cobra Coral/ Olha Preto está trabalhando/ Olha Branco não está olhando/ Olha Preto está trabalhando/ Olha Branco não está olhando



Foto: A preparação para o Ponto de Pólvora: os estalinhos de Pólvora, a alfazema, o ramo de ervas usado na descarga.



Foto: Mãe Sílvia descarrega Thatyane com o ramo de ervas. Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, Março de 2016.



Foto: Pai Xangô das Matas dando passé em Seu Paulo. Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, Março de 2016.



Foto: Pai Xangô da Pedreira e Pai Xangô das Matas fazem passe curativo em Dona Sirlei. Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, Março de 2016.

Sessão de Ogum: 23 de Abril de 2016

No dia 23 de Abril, celebra-se na Igreja Católica o dia de São Jorge. São Jorge, o santo guerreiro que derrotou o Dragão, é associado nas religiões de matriz africana, em especial no Rio Grande do Sul, com Ogum. Ogum é o senhor da guerra e do ferro, vencedor de demandas, sendo muito aclamado por sua força e poder de proteção. Antes de qualquer sessão, é feita a defumação, em que se queima bastões aromáticos ou incensos em um recipiente de metal chamado defumador.

Durante a defumação, são cantados pontos de Ogum, como este:

Corre ronda Pai Ogum/ Filhos quer se defumar/ Umbanda tem fundamento/ E é preciso preparar/ Corre ronda Pai Ogum/ Filhos quer se defumar/ Umbanda tem fundamento/ / E é preciso preparar

Ogum tem como símbolos as ferramentas ligadas à guerra e a proteção, como espada, escudo, armaduras, cavalos. Para Ogum, são ofertados churrasco, cachaça, cerveja branca e charutos. Costumam realizar passes com folhas da planta conhecida como Espada de São Jorge. Quem procura proteção, emprego ou vencer uma batalha pessoal, recorre a Ogum.

Para celebrar Pai Ogum, a terreira foi decorada com balões verdes e vermelhos, e o Congá com tecido vermelho. Como médiuns, trabalharam Mãe Sílvia, que recebe Pai Ogum Megê, Rosemari, que recebe Pai Ogum de Lei, e Rosane, que recebe Ogum Sete Ondas. Foram ofertados, antes da sessão, às pessoas da assistência, pedaços de carne assada com farofa.

Eu tenho Sete Espadas em minha companhia/ Eu tenho Ogum São Jorge que é o meu Guia/ Eu tenho Sete Espadas em minha companhia/ Eu tenho Ogum São Jorge que é o meu Guia/ Ogum é meu Pai, Ogum é meu guia/ Ogum vai baixar/ Venha com Deus e a Virgem Maria/ Venha com Deus e a Virgem Maria

Oração de São Jorge

Jesus adiante paz e guia/ Encomenda-me a Deus e à Virgem Maria/ Minha mãe, doze apóstolos, meus irmãos/ Andarei dia e noite, meu corpo cercado e circulado com as armas de São Jorge/ O meu corpo não será preso nem ferido, nem meu sangue derramado/ Andarei tão livre como andou Jesus Cristo nove meses no ventre da Virgem Maria, amém./ Meus inimigos terão olhos, não me verão/ Terão boca, não me falarão/ Terão pés, não me alcançarão/ Terão mãos, não me ofenderão/ Terão correntes, não me derrubarão/ Terão armas de fogo e negarão/ Há de correr água da boca do peixe/ Assim como correu água do Rio Jordão/ Aonde está Nossa Senhora da Cana Verde/ Nossa Senhora da Cana Verde/ Assim como valeis dos Anjos da Corte do Céu/ Valei-me de meus inimigos encarnados e desencarnados/ E que assim seja meu Pai de Misericórdia. Ogunhê!

Esta oração é feita em todas as sessões, é para mim uma oração muito forte, causa-me grande comoção.

Aniversário de Aprontamento de Oxalá de Orumilaia de Sílvia; Segurança Obrigação de Rosemari: 29, 30, de Abril e 01, 02 de Maio

Todos os anos, celebra-se no final de abril o Aniversário de Aprontamento Oxalá de Orumilaia de Sílvia, este ano comemoramos os 45 anos. Foi também comemorada a segurança de Rosemari. Durante a obrigação, na sexta-feira, no corte dos animais, trabalharam minha avó e Sandro, enquanto eu, sentada no chão, batia sineta. É preciso bater sineta durante todo o ritual. A noite estava gélida. Rosemari dormiu os dias de Obrigação na terreira. Minha avó e Sandro trabalharam a noite toda limpando as aves. No Sábado, aconteceu o Batuque, do qual participaram Mãe Sílvia, Rosemari, Sandro, eu, Jhonatan, Dona Iara, Márcio, Marcos, Charlene, seus filhos Kayan e Noah, meu namorado Mauro e sua família, sendo eles Dona Sirlei, Seu Paulo, Dona Ana, Aline e Dora. Rosemari confeitou dois bolos, um em homenagem ao Pai Oxalá de Orumilaia e um em homenagem a Mãe Oxum Pandá de Ibeji. Havia muitas balas, frutas e doces.

Sessão de Pretos Velhos 13 de Maio de 2016

A Sessão de Pretos Velhos acontece no dia 13 de maio, dia em que se festeja a abolição da escravatura. É uma data muito especial para os religiosos de matriz africana, pois mostra o começo da conquista de direitos de seus ancestrais. Para a festividade, a terreira foi decorada com baloes brancos. Como oferenda para as entidades e comida para os filhos de santo, ensopado de batata com camarão e feijoada de feijão vermelho.

Os Pretos Velhos gostam de cigarro de palha e fazem seus passes com a fumaça do cigarro e com ervas como arruda e guiné. As ervas são cultivadas no pátio de casa. Os Pretos Velhos gostam de rapadura de melado com queijo.

Sílvia recebe a Vovó Nita, que gosta de chafé, café preto frio e muito adocicado. Sua roupa é branca com bolinhas vermelhas, e usa um avental vermelho. Rosemari recebe a Mãe Maria Conga, suas roupas são um lenço azul na cabeça, um manto azul nas costas, bata branca e saia cor de rosa. Usa uma tesoura de ferro para cortar o mau olhado. Rosemari também recebe o Pai Tomé, que chega na terra raramente. Os Pretos Velhos andam curvados

com o peso da idade e da sabedoria, e dão passes e consultas sentados em mochinhos de madeira.

Os Pretos Velhos chegam cantando e dançando, adoram música e alegria. São associados com São Benedito, São Cipriano e Nosso Senhor do Bonfim.

Lá na Mata tem folha/ E tem Rosário de Nossa Senhora/ Lá na Mata tem folha/

E tem Rosário de Nossa Senhora/ Tem Aroeira de São Benedito/ São Benedito que nos valha nessa hora/ Tem Aroeira de São Benedito/ São Benedito que nos valha nessa hora



Foto: No centro, bolo confeitado por Rosemari em homenagem aos Pretos Velhos. O chafé de Vovó Nita, a feijoada de Mãe Maria Conga, a bacia de pipoca, a rapadura com queijo, as velas, a sineta, o palheiro e as ervas. Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, Maio de 2016.



Foto: Vovó Nita dando passe em Jhonatan. Cambono Sandro ao fundo. Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, Maio de 2016.



Foto: Mãe Maria Conga dando passe em Dona Sirlei. Cambono Sandro ao fundo. Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, Maio de 2016.



Foto: Assistência. Autora: Fernanda Gabriela Machado de Almeida Padilha, Maio de 2016.

Capítulo 4: Uma religião em família

Para quem cresce em um meio religioso, vindo desde sempre os pais envolvidos e trabalhando com isso, a hierarquia e os costumes religiosos se constroem de forma natural, como parte da rotina familiar. Todas as crianças da família participam dos eventos da terreira, e desde pequenos aprendem a bater cabeça, pedir a benção, cantar os pontos, etc. Na terreira de Mãe Sílvia, usa-se entre as crianças o termo “ir no santinho” para expressar o ato de frequentar a terreira. Júlia, de 7 anos, neta de Mãe Sílvia, adora perfumar-se com alfazema e pede sempre para “ir no santinho”. Noah, de 2 anos e meio, também neto de Mãe Sílvia, de tanto observar a assistência na terreira, já bate cabeça para Mãe Sílvia, para as pessoas da Corrente e para as entidades. Obviamente, em tão tenra idade, ele não entende o significado de tal ato, mas já o internalizou. Quando for maiorzinho, já estará acostumado e assimilará os preceitos de maneira mais fácil, assim como foi comigo, que passei muitas tardes de minha primeira infância assistindo Mãe Sílvia jogar búzios para os consulentes, e brincava com pedrinhas coloridas na tentativa de imitá-la.



Foto: Noah batendo cabeça em frente ao Congá. Autora: Charlene Negretto, 31 de Agosto de 2015.

Os Eventos Familiares e Religiosos na Umbanda

Assim como nas Igrejas católicas e evangélicas, na Umbanda acontecem cerimônias como batizado e casamento. Tais eventos são muito importantes e comparecem neles o núcleo familiar e a comunidade religiosa. As cerimônias são celebradas na Terreira, com a benção e a proteção das entidades presentes. Além de serem um evento religioso, essas cerimônias também são festividades, com decorações e bebidas.

Batizado

De acordo com Rosemari, “O Batizado na Umbanda é a apresentação da criança (erê) aos caboclos e aos filhos-de-santo, enfim, à terreira como um todo. É a iniciação da criança como filho de santo na Umbanda. São usados na cerimônia água da quartinha, ervas e Banha de Ori, bem como uma vela branca acesa. Quem preside a cerimônia é o Pai Xangô da Pedreira. Participam da cerimônia os caboclos presentes, os pais da criança, o par de padrinhos escolhidos pelos pais e a assistência. Geralmente, o Batizado acontece em uma Sessão Festividade de São Cosme e São Damião, onde acontece a Mesa de Ibeji também chamada de Mesa dos Inocentes”.

A seguir, Foto de Pai Xangô da Pedreira, o celebrante, Noah, o erê sendo batizado, e Carla, a madrinha. Cambono Sandro ao fundo. Fonte: arquivo pessoal foto de arquivo pessoal de Charlene, Mãe carnal de Noah, Setembro de 2014.



Foto: Pai Xangô da Pedreira, o celebrante, Pai Xangô das Matas, Noah, o erê (criança) sendo batizado, Carla, a sua madrinha e Thiago, o seu padrinho. Fonte: foto de arquivo pessoal de Charlene, Mãe carnal de Noah, Setembro de 2014.



Foto: Os inocentes na Mesa. Fonte: foto de arquivo pessoal de Charlene, mãe carnal de Noah, Setembro de 2014.

O Casamento na Umbanda

Rosemari esclarece que o Casamento na Umbanda é a união do casal perante os Caboclos e a comunidade da terreira. Também é celebrado pelo Pai Xangô da Pedreira. É um momento muito especial onde os noivos recebem as bênçãos das entidades presentes. Rosemari relata como foi realizado seu casamento na Umbanda, no dia 10 de Dezembro de 1988:

“Me arrumei na casa principal, usando flores naturais brancas na cabeça e no buquê. Eu estava usando um vestido branco de renda e cetim. Meu pai me conduziu até a terreira, que ficava nos fundos da casa dos meu pais e avós onde me aguardavam meu noivo e padrinhos. Meu pai deu minha mão ao meu noivo, e nós dois passamos por uma passarela de esteira de palha e hortências. Nas laterais da passarela, crianças de quatro a doze anos seguravam no alto espadas de São Jorge formando um túnel. Estava tudo muito lindo. Os familiares e convidados estavam todos muito felizes, e todos estavam vestidos de branco. Minha mãe iniciou os trabalhos e o Pai Xangô realizou a cerimônia. Os padrinhos eram o Senhor Moreira, já falecido, a Dona Ada,

Marcos, meu irmão, e minha tia Leonísia. Senhor Moreira recebeu o Pai Joaquim e tia Leonísia recebeu a Mãe Oxum. Seus caboclos abençoaram as alianças. Nós noivos fomos abençoados também pelos outros caboclos que chegaram. Assinamos uma certidão de casamento na Umbanda e fomos comemorar com um bolo lindo, todo branquinho, canjica, muitas frutas, frango e churrasco, pipoca.”



Foto: as crianças que frequentam a terreira formam um arco de Espadas de São Jorge. Autor: Jorge Oliveira, Dezembro de 1988. Abaixo, os noivos Luís Fernando e Rosemari e Pai abençoando as alianças. Autor: Jorge Oliveira, Dezembro de 1988.





Foto: Pai Xangô da Pedreira presidindo a cerimônia de casamento. Autor: Jorge Oliveira, Dezembro de 1988.



Foto: os noivos cortam o bolo. Autor: Jorge Oliveira, Dezembro de 1988.

O Desenvolvimento Religioso dentro da Família

Mãe Sílvia não constrange os filhos de santo da casa. Vem de cada um deles a decisão de como vai encarar o seu compromisso. Muitos filhos de santo não são médiuns nem cambonos, mas sim assistência; e sua participação nas sessões é fundamental, pois não há caridade sem assistência. Alguns, como Sandro e eu, decidem trabalhar como cambonos; qualquer pessoa que tenha interesse em trabalhar na religião, começa primeiro como cambono. Enquanto Cambonos, temos a responsabilidade de bem servir às entidades e às pessoas da assistência, assim como de fazer parte da Corrente. Somos como “monitores”, trabalhando para que tudo corra bem, e estudamos e prestamos atenção em tudo para fazer o trabalho cada vez melhor. Em algumas terreiras, quem almeja ser Médiun participa das sessões de desenvolvimento, onde busca receber suas entidades. Já na casa de Mãe Sílvia, os Médiuns não escolhem ser Médiuns, mas são escolhidos por suas entidades. Quando as entidades acreditam ser o momento certo para o Médiun começar a desenvolver seu dom, começam a se manifestar.

Rosemari, por exemplo, foi Cambona durante sua infância, adolescência e vida adulta. Somente aos 34 anos de idade suas entidades passaram a se manifestar. De início, Rosemari não compreendia o que se passava com ela e foi internada algumas vezes como vítima de crises nervosas, como ela relata a seguir: “Na casa de Mãe Sílvia não se faz gira de desenvolvimento, porque ela acredita que as entidades podem se manifestar no momento que julgarem adequado, sem forçar. Aconteceu em uma época difícil da minha vida, em que meu casamento estava complicado. Foi a época em que eu mais me aproximei dos pais e eles de mim. Desde a infância eu via minha mãe trabalhando na terreira e meu pai sendo cambono, e os caboclos fazendo caridade. Em todas as obrigações eu ajudava de alguma maneira, limpando peixes, depenando galinhas, perto dos doze anos me tornei cambona. No ano de 2002 eu estava com 34 anos e achava que não seria cavalo de santo. Estava acostumada e satisfeita de ser cambona. Sempre me fez muito bem. Comecei a ver e sentir coisas diferentes, como sofrer de taquicardia, falta de ar, agitação.

Acabava indo parar na emergência. A primeira entidade que chegou foi o Doutor André Luís, na sala de minha casa, em um dia que eu estava muito mal. Ele queria fazer um passe curativo em mim, por meio de imposição de minhas próprias mãos. Ele me aconselhou a 'vestir o branco', trabalhar como médium. Recomendou que eu pusesse flores brancas em casa, para limpar a energia da casa, que estava precisando muito, e que começaria uma nova fase da minha vida. Ele deu passe em minha mãe e minha filha.

A primeira entidade da Umbanda que recebi foi Mamãe Iara, sereia do povo da água. Eu senti ela pôr a mão em meu ombro e atrás da cabeça, e então perdi o controle de minhas ações. Como sou médium consciente, tive que ter muitas conversas com mãe Sílvia. Ela me explicou que eu sou apenas um instrumento dos pais, que eu deixasse fluir os seus movimentos e palavras. Ela me ensinou como me portar diante dos pais, que eles manifestariam suas palavras e movimentos. Eu me sinto muito bem trabalhando como médium nas sessões. Meus pais respondem aqui e em qualquer lugar, para me socorrer e socorrer os demais a minha volta. Eu sofro de um problema crônico nos joelhos, e sinto dores todos os dias. Quando eu estou incorporada eu me sinto leve, o meu corpo se movimenta melhor, e eu não sinto dor, o que prova que realmente sou apenas um instrumento, que as entidades utilizam da melhor forma possível.

Tem uma passagem muito interessante, eu recebo o Caboclo Tupimirim, e quando ele chegou pela primeira vez, eu fui procurar a imagem dele. Na flora, me disseram que não se fazia mais imagens dele, que ele não chegava mais, por ser muito antigo. Isso é um absurdo, porque as entidades são eternas, e para sempre vão trabalhar e exercer a caridade. Enfim, eu sonhei com um Caboclo, o Caboclo Tupimirim, com um cocar e um saiote verdes. Havia uma fila de pessoas que tomavam passe. Nesta fila havia uma colega minha de trabalho, e ele disse que ela deveria comer folhas verdes escuro como couve e espinafre, e também beterraba e bife de fígado. Avisei à minha colega do recado, e nós mal conversávamos. Foi então que ela me contou que estava grávida e que sofria de anemia. Senti um arrepio muito forte, pois eu não tinha nem ideia do que se passava com ela”.

CONCLUSÕES

Sílvia entrou para a religião pois, desde pequena, se manifestavam nela os dons necessários. Com a ajuda e orientação de pessoas mais velhas e praticantes de longa data, como Dona Percília, Dona Otília, Mãe Nicola e Pai Tim de Ogum, Mãe Sílvia passou a desenvolver seus dons e trabalhar na religião. Logo tornou-se conhecida no Bairro Santana, onde morava. Depois da mudança para Esteio, a diferença no número de frequentadores e de clientes se deve, creio eu, principalmente ao fato de que no Bairro Santana, Sílvia era conhecida por todos, uma figura religiosa importante na região. Já em Esteio, sua ocupação era desconhecida pelos novos vizinhos e Sílvia não fez questão de divulgar a terreira. Além disso, como os frequentadores eram em sua maioria moradores do Bairro Santana, a distância impedia o comparecimento rotineiro. Ser Mãe de Santo é um trabalho para uma vida inteira e em tempo integral. A terreira necessita de manutenção e cuidados diários, e a pessoa deve estar atenta aos ritos e obrigações necessários. Sendo este um sacerdócio, a Mãe de Santo deve estar preparada para ser confidente, conselheira, professora, psicóloga e amiga de seus filhos de Santo e clientes. As pessoas procuram atendimento religioso principalmente por necessidade de saúde, financeira ou amorosa. Quem inicia-se tem como motivo além de sua mediunidade e sua fé, a necessidade de aprender e trabalhar para sua evolução e para melhora de sua vida em um aspecto geral. Decidir ser de religião é uma decisão muito séria porque é um compromisso para a vida toda. A pessoa deve estar disposta a trabalhar, passar noites em claro, por vezes mais de duas noites seguidas. Ser escolhido para a vida afro-religiosa é considerado um privilégio e uma benção. É compromisso de minha mãe levar nossos costumes adiantes, assim como é também meu compromisso. Mesmo que não seja este o objetivo deste trabalho, creio ser importante salientar a intolerância e os ataques sofridos pelas religiões de matriz africana e pelos seus participantes no Brasil. Apesar de, nos últimos anos, a representatividade e o respeito pelas religiões e pelos costumes de origem africana terem aumentado no país, ainda temos um longo caminho a percorrer em questões de tolerância, respeito, reconhecimento e igualdade. A prática das religiões de

matriz africana e os ensinamentos passados dos mais velhos para os mais novos são um símbolo da resistência dos negros em solo brasileiro para conservar suas raízes e ensinamentos, lutando contra a intolerância religiosa de um país cujo Estado é considerado laico. Cada religioso, seja pai ou mãe de santo, filho de santo, cambono, e mesmo apenas frequentadores são a continuidade de uma cultura, que mesmo reprimida e demonizada injustamente, nunca esmoreceu, e vai se perpetuar por meio de seus seguidores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREA, Norton Figueiredo (1996). "A Cozinha é a Base da Religião: A Culinária Ritual no Batuque do Rio Grande do Sul". Horizontes Antropológicos , n ° 4, pp. 49-60.

Endereço eletrônico da AFROBRAS. <http://afrobras.org/institucional.html>, visitado em maio de 2016.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

KREBS, Carlos Galvão (1988). Estudos de Batuque . Porto Alegre, Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental : um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo, Abril Cultural, 1984.

ORO, Ari. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente, publicado no periódico Estud. afro-asiát. vol.24 no.2 Rio de Janeiro 2002

Portal da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/ visitado em novembro de 2015

Portal da Prefeitura Municipal de Esteio. <http://www.esteio.rs.gov.br/> visitado em novembro de 2015

SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira. São Paulo, Editora Ática, 1994.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo, EDUSP, 1998

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. A Aventura Sociológica. RJ, Zahar, 1978.